



ANDRÉ LUÍS SOUZA RIBEIRO

**NOVOS ESPAÇOS E ESTRATÉGIAS PARA A EDUCAÇÃO
EMPREENDEDORA: podcasts socioeducacionais como ferramentas de
ensino voltadas aos alunos do Ensino Médio**

TRÊS CORAÇÕES- MG

2021

ANDRÉ LUÍS SOUZA RIBEIRO

**NOVOS ESPAÇOS E ESTRATÉGIAS PARA A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA:
podcasts socioeducacionais como ferramentas de ensino voltadas aos alunos do Ensino Médio**

Dissertação apresentada à Universidade Vale do Rio Verde (UninCor) como parte das exigências do programa de Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino para obtenção do título de Mestre.
Linha de pesquisa: Gestão empreendedora do ensino.

Orientador: Prof. Dr. Túlio Silva Sene

TRÊS CORAÇÕES-MG

2021

37:600

R484n RIBEIRO, André Luís Souza.

Novos Espaços e Estratégias para a Educação Empreendedora : podcasts socioeducacionais como ferramentas de ensino voltadas aos alunos do Ensino Médio. – Três Corações: Universidade Vale do Rio Verde, 2021.

74 f.

Orientador: Prof. Dr. Prof. Dr. Túlio Silva Sene.

Dissertação – Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações/
Mestrado em Gestão, Planejamento e Ensino.

1. Empreendedorismo. 2. Educação Empreendedora. 3. Círculos de Cultura. 4. Mundo do Trabalho. I. Prof. Dr. Prof. Dr. Túlio Silva Sene, orient. II. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações. III. Título.

Catálogo na fonte

Bibliotecária responsável: ERNESTINA MARIA PEREIRA CAMPOS DANTAS CRB6: 2.101

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado APRESENTADO POR ANDRÉ LUÍS DE SOUZA RIBEIRO, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE NO PROGRAMA DE Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino.

Aos vinte e dois dias do mês de junho de dois mil e vinte e um, reuniu-se, remotamente, a Comissão Julgadora, constituída pelos professores doutores: Prof. Dr. Túlio Silva Sene (UninCor), Prof. Dr. Dirceu Antônio Cordeiro Júnior (UninCor) e Profa. Dra. Ana Lúcia Almeida Gazzola (UFMG), para examinar o candidato André Luís de Souza Ribeiro na defesa de sua dissertação intitulada: "NOVOS ESPAÇOS E ESTRATÉGIAS PARA A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: podcasts socioeducacionais como ferramentas de ensino voltadas aos alunos do Ensino Médio". O Presidente da Comissão, Prof. Dr. Túlio Silva Sene, iniciou os trabalhos às 15 horas, solicitando ao candidato que apresentasse, resumidamente, os principais pontos do seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente o candidato sobre diversos aspectos da pesquisa e da dissertação. Após a arguição, que terminou às 17 horas, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho do candidato, tendo chegado ao seguinte resumo: Prof. Dr. Túlio Silva Sene (Aprovado), Prof. Dr. Dirceu Antônio Cordeiro Júnior (Aprovado) e Profa. Dra. Ana Lúcia Almeida Gazzola (Aprovado). Em vista deste resultado, o candidato André Luís de Souza Ribeiro foi considerado aprovado, fazendo jus ao título de Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Gestão, Planejamento e Ensino.

Três Corações, 22 de junho de 2021.

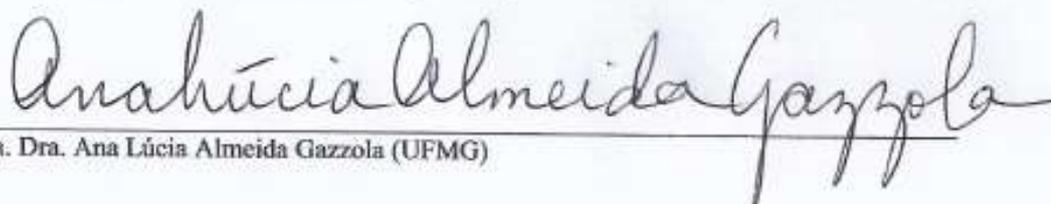
Novo título (sugerido pela banca):



Prof. Dr. Túlio Silva Sene (UninCor)



Prof. Dr. Dirceu Antônio Cordeiro Júnior (UninCor)



Profa. Dra. Ana Lúcia Almeida Gazzola (UFMG)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que
contribuíram para sua realização.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e a minha esposa Carla, pelo apoio e incentivo para vencer mais esta etapa.

Aos meus irmãos Alexandre e João Marcelo, pela confiança transmitida.

Ao orientador, Dr. Túlio Silva Sene, pelos ensinamentos passados, pela amizade, pela compreensão e pela brilhante orientação.

Aos professores do programa de Mestrado Gestão Planejamento e Ensino, pela amizade, pelo incentivo e ensinamentos transmitidos desde a iniciação científica.

Aos amigos, pelo convívio de vários anos, pelas palavras carinhosas de incentivo e ajuda na correção deste trabalho.

À Universidade Vale do Rio Verde (UninCor) e a todos colegas professores.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para o meu êxito profissional.

EPÍGRAFE

“As pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser igual quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferente quando a igualdade os descaracteriza.” Boaventura de Souza Santos

RESUMO

Este trabalho trata do conceito de educação empreendedora e defende sua aplicação de forma interdisciplinar e multidimensional, superando as propostas de ensino que a veem apenas como um conjunto de conteúdos relativos à administração de negócios. Esta dissertação busca responder se, para além da lógica tecnicista amplamente disseminada pela pedagogia convencional, é possível criar, no ambiente escolar, novos espaços e estratégias para tratar do empreendedorismo e aproximar os estudantes da realidade do mundo do trabalho. Parte-se da hipótese de que a estratégia freiriana dos círculos de cultura se revela como uma alternativa pedagógica convergente com a ideia de educação empreendedora em sentido amplo que se pretende desenvolver. A metodologia de trabalho, baseada em uma pesquisa exploratória complementada com a criação de um produto técnico educacional, desenvolveu um podcast socioeducacional direcionado aos alunos do ensino médio de uma escola privada do sul de Minas Gerais. Com o intuito de promover rodadas estruturadas de conversa, o produto visou trabalhar a temática do empreendedorismo, considerando que as conversas, quando disseminadas no formato de podcasts, podem vocacionar não apenas os estudantes participantes como também os ouvintes para se tornarem sujeitos mais atuantes, questionadores e propositivos, o que, em sentido amplo, são os resultados esperados por uma educação que se proponha de fato empreendedora. Participaram da presente pesquisa sessenta (60) alunos regularmente matriculados na referida instituição. Como resultado, observou-se que o podcast provocou a melhoria da autoestima e do senso crítico dos jovens participantes, demonstrando que a educação empreendedora tem o potencial de revelar as diferentes facetas do sujeito contemporâneo, ajudando a formar um perfil social que se conecte ao mundo do trabalho.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Educação empreendedora. Círculos de Cultura. Mundo do trabalho.

ABSTRACT

This paper deals with the concept of entrepreneurial education and defends its application in an interdisciplinary and multidimensional way, overcoming the teaching proposals that see it only as a set of contents related to business administration. This dissertation seeks to answer whether, beyond the technicist logic widely disseminated by conventional pedagogy, it is possible to create, in the school environment, new spaces and strategies to deal with entrepreneurship and bring students closer to the reality of the world of work. We start from the hypothesis that the Freirian strategy of culture circles reveals itself as a pedagogical alternative that converges with the idea of entrepreneurial education in the broad sense that we intend to develop. The work methodology, based on an exploratory research complemented with the creation of a technical educational product, developed a socio-educational podcast aimed at high school students from a private school in southern Minas Gerais. In order to promote structured rounds of conversation, the product aimed to work on the theme of entrepreneurship, considering that the conversations, when disseminated in the format of podcasts, can vocate not only the participating students but also the listeners to become more active, questioning and propositional subjects, which, in a broad sense, are the expected results for an education that proposes to be truly entrepreneurial. Sixty (60) students regularly enrolled in the institution participated in this research. It was observed that the podcast led to the improvement of self-esteem and critical sense of the young participants, demonstrating that entrepreneurial education has the potential to reveal the different facets of the contemporary subject, helping to form a social profile that connects to the world of work.

Keywords: *Entrepreneurship. Entrepreneurial education. Culture Circles. World of work.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Identidade visual do IDEACAST	41
Figura 2 – Logotipo monocromático	42
Figura 3 - Programação das rodadas de conversa e produção dos podcasts.....	44
Figura 4 – Gravação das rodadas estruturadas de conversa	45
Figura 5 – Telas de navegação do IDEACAST.....	46
Figura 6 – O podcast do aluno inovador	47
Figura 7 – Tela contendo a coletânea de episódios	48
Figura 8 – Avaliação da experiência pelos alunos	50
Figura 9 – Público-alvo e replicabilidade.....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O CURRÍCULO REFERÊNCIA E A NOVA BNCC	18
2.1. A relação da BNCC com o empreendedorismo	19
2.2. Foco no desenvolvimento das competências.....	20
2.3. A etapa do ensino médio na nova BNCC	21
2.4. Finalidades do ensino médio com a nova BNCC	23
3. BASES CONCEITUAIS DO EMPREENDEDORISMO	27
3.1. Perspectivas históricas do empreendedorismo	29
3.2. Novas perspectivas e a noção de educação empreendedora	34
3.3. A relação dos círculos de cultura com a ideia de educação empreendedora	38
4. PRODUTO TÉCNICO EDUCACIONAL	41
4.1. Desenvolvimento do produto e local de aplicação	43
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	49
5.1 Relatos dos alunos: a experiência nos círculos de cultura e na produção dos conteúdos/ podcasts	49
5.2 Análise pós aplicação e relatos	52
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
ANEXOS	58

1. INTRODUÇÃO

A informação e o conhecimento são insumos básicos para que, não só os indivíduos, mas também as organizações e os países possam responder, com competência, aos desafios deste novo século. O impacto da informação na sociedade moderna, por meio dos meios de comunicação de massa e das novas tecnologias, como, por exemplo, a internet, revela, como resultado imediato, que o conhecimento não é simplesmente acumulável e sim mutável, intermitente, constantemente reatualizado. Desta forma, o cenário que se constrói atualmente aponta, cada vez mais, para a interdisciplinaridade do conhecimento, o que contradiz a perspectiva pedagógica tradicional.

Na sociedade contemporânea, a visão sobre a escola deslocou-se de sua perspectiva tradicional de replicadora do conhecimento para tornar-se uma das principais protagonistas na cadeia de produção do saber. Essa nova concepção implica repensar o papel para a escola à medida que exige uma alteração de rota em busca da pluralidade, independentemente do seu nível de atuação. Assim como destaca Ferreira (2003), a escola precisa fazer, de imediato, um ajuste de foco em seus conceitos e procedimentos que balizam o processo de ensino-aprendizagem para não mais oferecer um saber empacotado e adestrador, mas sim um ensino numa perspectiva de emancipação e criatividade. Para o autor, a escola precisa desenvolver um método de ensino-aprendizagem que possibilite a “[...] reflexão para a internalização dos conceitos e valores, a criatividade para a concepção do novo, a aplicação para o exercício profissional e uma visão holística do mundo para situar o aprendiz como cidadão responsável e atuante” (FERREIRA, 2003, p. 16).

Neste sentido, o conceito de educação empreendedora começou a ganhar espaço no mundo todo como uma alternativa pedagógica capaz de atender a essas demandas por mudança nos sistemas de ensino. Há pelo menos duas décadas, o tema tem sido tratado com prioridade em muitos debates políticos, acadêmicos e econômicos, inclusive nos mais altos patamares educacionais da Organização das Nações Unidas (ONU). Na ONU, por exemplo, foram definidas algumas políticas chave para serem adotadas pelos governos em busca do fomento da, assim chamada, educação empreendedora. Em primeiro lugar, trata-se da introdução do empreendedorismo na educação e treinamento formal dos estudantes, acompanhada de um constante desenvolvimento curricular com o objetivo de adequar a formação de cada um à sua realidade local. De maneira especial, trata-se do desenvolvimento de professores, considerados como responsáveis principais pelo entusiasmo e capacidade de entendimento dos alunos, e de

parcerias com o setor privado, cujo engajamento é tido como um elemento essencial para o sucesso da educação empreendedora (UNCTAD, 2011, p. 7).

Essas definições aproximam os conceitos de educação e empreendedorismo a uma perspectiva pedagógica que se contrapõe, em muitos sentidos, às formas tradicionais de se pensar os processos de ensino e aprendizagem. Especialmente, ao tratar das subjetividades dos educandos e do desenvolvimento permanente dos professores, a ideia de educação empreendedora se destaca como um verdadeiro expoente de novas formas do pensamento pedagógico. Esse pioneirismo na forma de se pensar, entretanto, deve ser entendido em seu devido lugar e tempo histórico, uma vez que esta perspectiva crítica aos métodos tradicionais é anterior à própria criação das Nações Unidas, em 1945.

Apesar de estar no centro dos debates educacionais atualmente, chama a atenção a pouca incidência do termo empreendedorismo nos debates em um período anterior à década de 1990, especialmente no Brasil. Observa-se que o aumento das preocupações com a educação empreendedora coincide, justamente, com o fim da era de ouro do capitalismo no século 20, quando o acirramento das rivalidades políticas entre os países intensifica a instabilidade do sistema internacional num contexto falência do estado de bem-estar social. Em termos econômicos, é neste momento em que a gestão da riqueza capitalista foi sendo progressivamente deslocada da esfera produtiva para a acumulação de ativos financeiros, como títulos e ações. Assume-se, portanto, neste trabalho, a premissa de que é essa condição particular de crise, agravada à época pelas inexistentes perspectivas de retomada do crescimento econômico e geração de novos empregos no curto prazo, o que fez com que a ideia de empreendedorismo passasse a ganhar ainda mais destaque.

Com a estagnação do crescimento produtivo e a consequente escassez de postos de trabalho a partir dos anos 1980, amplia-se um discurso que tende a associar o conceito de empreendedorismo com a ideia de negócios, valorizando uma percepção unidimensional dos sujeitos como empresários. Nesse sentido, a imagem do sujeito empreendedor foi sendo, cada vez mais, vinculada à ideia de indivíduos bem-sucedidos, supermotivados, criativos e independentes. Assim, o empresário herói, tido como o verdadeiro promotor e salvador do progresso econômico, passou a colecionar atributos que, no imaginário popular, passaram a ser vistos como inerentes à sua própria condição. Para Elizabeth Eldrich (1986), o sujeito empreendedor foi incorporando uma visão romântica do capitalismo e assumindo a condição

mítica do verdadeiro *self-made man*¹. É justamente essa condição especial com que passou a ser tratada essa importante ferramenta conceitual, a educação empreendedora, que motiva a pesquisa que deu origem a essa dissertação.

Essa pesquisa assume, enquanto hipótese de trabalho, que, dadas as condições econômicas e sociais já mencionadas e a amplitude do uso do termo ‘empreendedorismo’, seja nos meios de comunicação de massa, nos discursos políticos ou nos mais variados espaços de formação, disseminou-se uma concepção pouco esclarecedora desta importante ferramenta conceitual. No ambiente de ensino, inclusive, há controvérsias sobre o entendimento mais adequado para o que seria uma educação de fato empreendedora. De forma geral, a noção de empreendedorismo passou a ser identificada por meio de iniciativas autônomas de trabalho, abertura de pequenos negócios, posturas proativas e algumas outras formas de manifestação associadas à administração de empresas. Essas ações e práticas, ao invés de contribuírem para um maior esclarecimento do conceito, acabaram confundindo os novos pesquisadores que começam a se aventurar por este campo de investigação.

De acordo com Schaefer e Minello (2016), a maioria das instituições educacionais que buscam promover o empreendedorismo ainda o fazem de forma exclusivamente focada nas áreas de administração e de tecnologia, afastando o conceito dos debates nas demais disciplinas. Desta forma, o que se constata é o distanciamento do conceito das práticas educativas voltadas para a multidisciplinaridade. Segundo os autores, o empreendedorismo deve ser vivenciado em todas as direções, de modo que a sala de aula seja um laboratório de conhecimento que contribua para uma educação empreendedora pautada por meio de ambientes ricos em diversidade de experiências. Essa educação, segundo a qual os autores se referem, está orientada na ação em que o aluno aprende fazendo, recriando e pensando alternativas para seu desenvolvimento.

Entretanto, à medida que o conceito de empreendedorismo foi se associando quase que única e exclusivamente com a ideia de negócios, foi se perdendo a essência multidimensional do sujeito empreendedor e passou, cada vez mais, a ser valorizada uma ideia unidimensional do sujeito empresário. Essa percepção mais fechada do termo ganhou espaço a partir de meados do século 20 em agendas de pesquisa de diversas universidades, principalmente nos departamentos de administração e negócios, mas não só. No Brasil, essa perspectiva tem se mostrado lugar comum, especialmente ao associar-se a um conjunto de metas e parâmetros educacionais que configuram aquilo que o professor Demerval Saviani (2007) identifica como

¹ Essa é uma expressão enraizada na cultura norte-americana, geralmente atribuída a Benjamin Franklin, um dos pais fundadores da nação. Refere-se à ideia de um indivíduo que alcança o sucesso por conta própria, sem depender da ajuda de outros ou do poder público. Está relacionada com a ideia romântica de um capitalismo meritocrático.

sendo o produtivismo pedagógico. Para Saviani (2007), em sua fase mais recente, o processo de ensino passou por uma espécie de mecanização, de forma que:

O elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais. A organização do processo converte-se na garantia da eficiência, compensando e corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos de sua intervenção (SAVIANI, 2007, p. 382).

Em linhas gerais, esse movimento educacional de mecanização, identificado por Saviani como sendo uma orientação pedagógica produtivista, caracteriza-se, principalmente, pela transmissão de conteúdos disciplinares estanques, processos de avaliação padronizados e resultados supostamente fiéis à essência da prática social. No sentido desta perspectiva produtivista, o conceito de empreendedorismo e a ideia de educação empreendedora tendem a ser compreendidos a partir de uma única dimensão, que em geral está ligada à ideia de negócios e à busca pela independência financeira individual.

Considerando essa prática pedagógica, o ensino tem distanciado, cada vez mais, o estudante da realidade do mundo do trabalho, pois não permite experiências em ações multidimensionais. As relações entre os pares podem permitir trocas de experiências fundamentais para a formação e construção do projeto de vida de cada. O aluno acanhado e fechado ao novo fatalmente proverá no seu futuro uma perspectiva estanque e solitária. Dessa forma, é preciso pensar em técnicas educacionais que favoreçam a atuação do aluno e a participação efetiva nas tomadas de decisão, bem como experiências relacionais que permitam a vivência de pontos concretos de sua formação em um ambiente inovador, criativo e prazeroso.

Assim, a questão que moveu essa pesquisa busca responder, a partir de uma perspectiva mais ampla do conceito de empreendedorismo, se seria possível criar no ambiente escolar novos espaços e estratégias para uma educação de fato empreendedora, cuja finalidade seja a aproximação da realidade da escola com o mundo do trabalho, tornando o aluno agente do seu próprio desenvolvimento. Como hipótese de trabalho, admite-se que a estratégia freiriana dos círculos de cultura pode ser uma alternativa pedagógica relevante para se praticar a ideia de uma educação empreendedora em sentido amplo, objetivo principal do produto pedagógico que se pretende desenvolver.

Os círculos de cultura, tal como serão apresentados em capítulo posterior, eram espaços de aprendizagem que tinham como característica a livre exposição de ideias, por meio de uma estrutura horizontal na qual jovens e adultos eram chamados ao debate sob um conjunto, uma

associação para a cooperação de ideias. Este cenário favorecia a contribuição e a construção de ações colaborativas entre os pares para a resolução de problemas do cotidiano.

Por isso, acredita-se que existe uma convergência entre uma perspectiva mais ampla de educação empreendedora e a estratégia dos debates freirianos para validação da hipótese proposta, uma vez que os processos complexos do mundo do trabalho e a proposta colaborativa de intervenções pedagógicas mais reflexivas podem provocar mudanças substanciais nos comportamentos e atitudes dos estudantes para a tomada de decisões mais assertivas.

Por um lado, acredita-se que a estratégia dos círculos de cultura pode ser implementada por meio de rodadas estruturadas de conversa que visem contribuir e potencializar avanços na formação dos estudantes. Por outro lado, acredita-se que tais rodadas de conversa podem ser viabilizadas com a utilização de novos recursos de comunicação digital, os podcasts. Considerando a estratégia dos círculos de cultura e o meio digital para a sua realização e divulgação, torna-se possível sustentar uma perspectiva ampla de educação empreendedora ao promover uma formação direcionada para indivíduos atuantes, questionadores e propositivos, além de alinhada com as mais recentes tecnologias de informação.

Esta pesquisa, baseada em rodadas de conversa, busca, portanto, implementar a estratégia freiriana dos círculos de cultura por meio da utilização de podcasts com a finalidade de aproximar a realidade da escola com o mundo do trabalho. Por meio de podcasts informativos aos educandos e comunidade escolar, objetiva-se vocacionar os estudantes para se tornarem sujeitos atuantes, questionadores e propositivos, dentro um ambiente inovador, criativo e prazeroso, incorporando novas técnicas e ambientes pedagógicos. Assim, seria possível apresentar as principais temáticas acerca do empreendedorismo que necessitam ser abordadas para aproximar alunos do ensino básico com o mundo do trabalho. Descrever como a estratégia freiriana pode subsidiar uma educação empreendedora no ensino básico, assim como fundamentar a prática pedagógica em conformidade com uma perspectiva mais reflexiva e multidimensional é a base da metodologia a ser adotada.

Por fim, o trabalho objetiva obter evidências que demonstrem a efetividade, ou não, desta estratégia pedagógica por meio do uso de podcasts, uma nova ferramenta no mercado de *streaming*, com alto nível de acessibilidade e inovação, facilidade de acesso e praticidade. Considerando que o cenário que se constrói neste terceiro milênio é cada vez mais de uma contextualização e interdisciplinaridade do conhecimento, a escola deixa de ser vista como o principal repositório do saber, deslocando-se de sua postura tradicional para tornar-se uma das extremidades da cadeia de produção de conhecimento e o seu grande incentivador. Esta concepção implica em um novo papel para a escola, não importando o seu nível de atuação, na

medida em que exige uma alteração de rota em busca da pluralidade. Faz-se necessário, portanto, um ambiente onde o educando se posicione de forma espontânea, com atitude e criticidade.

Nessa cadeia, o professor seguirá sendo a referência principal, mas cabe à escola disponibilizar um ambiente com novas ferramentas e sobretudo espaço de liberdade, produção e construção de conhecimento. A comunidade educacional como um todo deve estar aberta ao diálogo e ao aluno em formação, que será o protagonista do seu projeto de vida. Para tanto, a reconfiguração dos papéis da mídia e da educação deve ser objeto de discussão estratégica, principalmente em países em desenvolvimento, como o Brasil.

Com base nessas considerações, a dissertação que segue está subdividida em quatro capítulos que, após esta introdução, apresenta as referências da Base Nacional Comum Curricular e o Currículo Referência, desdobrando eixos norteadores e documentos normativos que dirigem o conjunto orgânico e sistemático das aprendizagens sob o espiral da educação básica. Em consequência, são apresentados os conceitos de empreendedorismo e suas interfaces, a evolução ao longo do século XX e sua associação com as práticas de ensino nas escolas e os processos de inovação e definições contemporâneas.

Na sequência, a identidade do Produto Técnico Tecnológico, os processos metodológicos e sua relação com os conceitos de empreendedorismo, suas características, peculiaridades e possibilidades de replicações. Por fim, a apresentação das considerações finais, explicitando todas as experiências obtidas no estudo, percepções e possibilidades de propagação da cultura empreendedora, sob o viés metodológico proposto, considerando processos e relações educacionais inovadoras, propositivas e criativas.

2. O CURRÍCULO REFERÊNCIA E A NOVA BNCC

O Currículo Referência é a composição de uma estrutura educacional que coloca o estudante no centro do processo de formação e desenvolvimento, considerando o sujeito na sua visão integral. Ao propor essa formatação, ele dialoga com necessidades múltiplas, inova em uma estruturação para além dos conteúdos, para uma melhor compreensão da prática social e do mundo.

Este documento se valida como referência educacional para as escolas de educação infantil e ensino fundamental a partir de 2019 e o novo ensino médio a partir de 2021. Ou seja, é o eixo norteador das ações educacionais que contemplam o reconhecimento e a valorização das diferentes culturas, povos e tradições do estado sob a espinha dorsal da Constituição Federal de 1988, o Plano Nacional de Educação - 2014 e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – 2017 (MINAS GERAIS, 2018, p. 13).

A centralidade do Currículo Referência é o desenvolvimento de competências orientadas pelo princípio da educação integral, em continuidade ao proposto na educação infantil e no ensino fundamental. Orientado pela BNCC, o currículo referência do novo ensino médio é composto pela formação geral básica e os itinerários formativos, articulados de acordo com a relevância do contexto social ou possibilidades de absorção por parte de cada unidade educacional.

A elaboração do Currículo Referência é fruto do trabalho de milhares de educadores que versaram sobre as mais diversas características, personalidades, ideias e expressões regionais. Ele representa o diálogo dos educadores, educandos e toda a comunidade escolar no propósito de estimular e preparar as crianças, adolescentes e jovens para os desafios do mundo do trabalho, mediante às perspectivas inovadoras, criativas e adequadas a sua realidade.

Especificamente no estado de Minas Gerais, local de pesquisa do presente trabalho, a construção do currículo referência representa a junção das perspectivas educacionais advindas da Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais (SEEMG) e da seccional mineira da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), esforço que prioriza uma educação de qualidade e a oportunidade de formação e transformação social diversificadas.

Dessa forma, o documento surge a partir dos fundamentos educacionais expostos na Constituição Federal (CF/1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), no Plano Nacional de Educação (PNE/2014), que estabelece metas para melhoria da qualidade da educação e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2017), por meio do

reconhecimento e da valorização dos diferentes povos, culturas, territórios e tradições existentes.

Especialmente, o Currículo Referência é um documento baseado em ações democráticas e, a partir do momento em que se estabelece uma relação convergente entre as diretrizes da BNCC e as referências dos respectivos Projetos Políticos Pedagógicos, torna-se possível arquitetar uma estrutura educacional de ensino e aprendizagem com maior equidade.

Para uma melhor compreensão, a Base Nacional Comum Curricular não representa um currículo específico, mas o caminho que o estudante percorrerá ao longo de suas etapas e modalidades na sua educação básica, estruturas adotadas sobre a temática da flexibilidade, estimulando, capacitando e preparando assim o estudante para o seu projeto de vida.

A produção do Currículo Referência, neste cenário, possui consonância com a BNCC como eixo referencial em todas as redes de ensino, como forma de equidade, pluralidade de ideias e expressões características de cada estado e/ou região, assegurando aos estudantes o direito de aprendizagem no âmbito de sua trajetória educacional e suas modalidades, embasadas nos quesitos éticos, políticos ou estéticos.

Para a melhor percepção desses arranjos educacionais pode-se destacar que a BNCC se torna referência nacional para o desdobramento de todas as ações curriculares, sistemas e propostas pedagógicas das instituições, estados e municípios no Brasil. Sendo assim, é possível afirmar que a Base Nacional Comum Curricular é:

[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2017, p. 07).

2.1. A relação da BNCC com o empreendedorismo

A necessidade de movimento frente aos inúmeros desafios da contemporaneidade revela novos formatos, operações e mudanças nos comportamentos dos sujeitos como perspectiva de desenvolvimento e preparação para o mundo do trabalho. *Hubs* de inovação, empresas baseadas em operações sustentáveis e *startups*, são alguns exemplos de interação, cooperação e produção de conhecimento e experiências em rede que se destacam nesse novo normal.

Além disso, se destacar em algum seguimento ou negócio é um desafio que envolve técnica, planejamento, empatia e relacionamentos em rede. Conhecer-se, aprimorar-se e conectar-se às diversidades do mercado são elementos fundamentais para a definição e construção do projeto empreendedor.

As competências elencadas na nova BNCC podem contribuir para a composição de atitudes e comportamentos viáveis para a formação de sujeitos empreendedores. Essas condutas indicam ações em pares, criatividade, inovação, autoconhecimento e protagonismo. Tornar o estudante uma figura principal dentro do cenário educacional é dar condições dele participar de seu próprio desenvolvimento. O que se observa, nos dias atuais, são escolas tradicionais e hierárquicas, com políticas educacionais rudimentares e com pouca inovação. Essas ações têm, ao contrário do que se espera, levado os estudantes a uma desmotivação e desinteresse no contexto escolar.

Todos os parâmetros da nova BNCC, assim como a nova perspectiva no ensino médio com seus itinerários do conhecimento, podem possibilitar o desenvolvimento de práticas educativas mais ousadas por parte dos educandos. Esse é o momento da libertação, em que as especializações permitirão buscas concretas ao mundo competitivo do trabalho.

Novas interfaces, atreladas às experiências práticas dos estudantes, podem suscitar grandes descobertas, conquistas e desafios para estes alunos. Por meio de um novo olhar e novas perspectivas, essas manobras podem ser essenciais para a preparação, ingresso e desenvolvimento de suas carreiras profissionais.

Ao propor essas especializações a BNCC acende uma chama educacional com potencial de prover libertação e atuação concreta do estudante neste palco educacional. Será o momento de explorar com consciência, emancipação e responsabilidade e tornar o rumo pedagógico da educação mais assertivo, sustentável e colaborativo.

2.2. Foco no desenvolvimento das competências

O conceito e desenvolvimento de competências marcam, fundamentalmente, as tratativas pedagógicas e sociais nas últimas décadas e podem ser encontrados no texto-base da LBD, no qual se estabelecem as finalidades gerais da educação básica no Ensino Fundamental e Médio. Os artigos 32 e 35, por exemplo, estabelecem as diretrizes e bases relacionadas a sua natureza reguladora e regulamentadora garantindo os direitos, normas e práxis educacional.

Os programas de avaliação e as organizações que estruturam os Planos de Cooperação e Desenvolvimento Econômico Internacionais (PISA e OCDE) possuem o enfoque no desenvolvimento de competências ao abordarem os processos avaliativos. Eles tratam a respeito da mobilização de conhecimentos e metodologias, procedimentos e habilidades (socioemocionais e cognitivas) para a resolução de demandas em maior complexidade, da vida comum, dando relevância ao pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Esses programas defendem que, ao final do ciclo da educação básica, os estudantes sejam capazes de: valorizar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua história física, cultural, digital e social materializando ações concretas de reflexão, democracia e inclusão social; recorram a abordagem das ciências e reflitam com criticidade e imaginação sobre as mais diversas possibilidades e hipóteses para a resolução de problemas; valorizem as diversas manifestações culturais atribuindo relações consistentes para formulação de novos arranjos em seu projeto de vida; e ajam com autonomia, resiliência, flexibilidade tomando decisões eticamente, de forma colaborativa e sustentável.

Ao assumir essas ações, a BNCC ressalta que as decisões educativas devem estar orientadas no aprimoramento das competências. O saber fazer se torna ponto relevante considerando a mobilização dos conhecimentos, valores, atitudes e habilidades para a resolução dos problemas complexos da sociedade. De modo especial dentre as competências específicas aplicadas às ciências humanas e sociais no ensino médio espera-se que os estudantes sejam capazes de “[...] participar do debate público de forma crítica, respeitando posicionamentos e fazendo escolhas alinhadas ao seu projeto de vida e exercício de cidadania, com autonomia, consciência crítica, liberdade e responsabilidade” (BNCC, 2018, p.570). Esse exercício de ética e cidadania perpassa o fortalecimento de ações essenciais de formação nas aprendizagens e potencializa a preparação para a vida cotidiana e o mundo do trabalho, ou seja, apropriar-se dos conhecimentos e experiências para o seu melhor entendimento e realizar escolhas pertinentes ao seu projeto de vida.

Neste novo cenário mundial “[...] reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que acúmulo de informações” (BNCC, 2018, p. 14). Dessa forma, o comportamento social colaborativo, a tomada de decisões, as atitudes responsáveis no contexto cultural digital e a autonomia são fatores importantes para a qualificação e o desenvolvimento do ser na sua completude.

2.3. A etapa do ensino médio na nova BNCC

Considerando as desigualdades sociais e as necessidades de profundas transformações na dinâmica social, o ensino médio possui o desafio de reconstruir novos parâmetros não só para universalizar o atendimento educacional, mas também de garantir o desenvolvimento da aprendizagem face ao movimento e fluidez dos processos, demandas e aspirações futuras dos educandos.

De maneira especial, é necessário organizar uma escola que acolha as diversidades valorizando a pessoa humana e seu direito reconhecido pela constituição. Além disso, o aluno deve ser agente do seu progresso, interlocutor legítimo sobre seu currículo e seu processo de ensino e aprendizagem. Isto significa assegurar-lhe uma formação escrita por suas histórias e experiências definindo seu projeto de vida (BNCC, 2021).

Para formar esse sujeito crítico, autônomo e criativo é fundamental que o ambiente escolar disponibilize recursos para uma melhor leitura do mundo, seja nos seus aspectos políticos, sociais, ou ambientais, onde o aluno possa desenvolver atitudes corajosas e específicas para uma tomada de decisão fundamentada e ética.

Dessa forma, o arranjo educacional previsto pela nova BNCC e o novo ensino médio serão um campo aberto para a resolução de problemas complexos advindos das gerações passadas e que hoje se apresentam como dificuldades do presente para os estudantes. Essa emancipação necessária para o florescer e amadurecimento dos estudantes em sua formação integral se dará por meio dos itinerários formativos.

Os itinerários formativos são especializações curriculares por meio dos quais o aluno aprofunda disciplinas do seu interesse e de acordo com suas compatibilidades vocacionais, e que representam a promoção da autonomia e o comportamento cidadão do estudante por meio de ferramentas que ajudam a construir seu projeto de vida, e, sobretudo, aprimorar habilidades de acordo com suas perspectivas profissionais ou interesses. É por intermédio desses itinerários que o aluno se torna protagonista, agente de suas decisões e propostas de vida, como também obriga as disciplinas a se dialogarem para uma construção mais integral e transdisciplinar. Nesse contexto, a formação acadêmica deve conectar-se ao processo de desenvolvimento socioemocional, ético e de valores.

Ao longo dos últimos anos, as escolas têm desenvolvido diversas práticas com viés produtivista e conteudista. Sendo assim, com a implementação do novo ensino médio, a opção de escolha e aperfeiçoamento disciplinar por parte dos alunos modifica este cenário. É por meio dele que um novo currículo será construído, oportunizando uma formação mais atraente, direcionada e propositiva.

Dentro do currículo, as ações e propostas pedagógicas devem priorizar arranjos formativos que permitam a construção das relações em pares, nas quais o sujeito será o protagonista, estabelecendo uma relação efetiva dos aprendizes, na mobilização dos processos interativos orientados pelos professores, em variadas combinações no objetivo da concretude da aprendizagem.

Nesse âmbito, de forma segura e conectada, dez competências serão desdobradas ao longo da educação básica e sistematicamente alinhadas para a formação integral dos estudantes, articulando-se na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores (BRASIL, 2018).

Destacam-se, entre essas competências, a criatividade e o pensamento científico, repertório cultural, comunicação, a cultura digital, trabalho e projeto de vida, argumentação e consciência global, autoconhecimento e autocuidado, empatia e colaboração, responsabilidade, valores e cidadania. À vista disso, atrelado à Competência 5 das ciências humanas e sociais, propõe-se desenvolvimento da habilidade (EM13CHS501), que:

[...] analisa os fundamentos da ética em diversas culturas, tempos e espaços, identificando processos que auxiliem na formação de sujeitos éticos que valorizem a cooperação, a liberdade, o empreendedorismo, a democracia e a solidariedade (BNCC, 2021, p. 577).

Todas essas dimensões acolhem as perspectivas da educação de forma integral na articulação entre as áreas. Nesse sentido, é necessário estabelecer conexões entre as competências para o maior domínio dos conhecimentos, atitudes e valores, fundamentalmente para o mundo do trabalho.

2.4. Finalidades do ensino médio com a nova BNCC

Todas as transformações decorrentes do desenvolvimento tecnológico e, sobretudo a nova dinâmica social contemporânea no mundo atual, impuseram à escola um grande desafio: o de aproximar os estudantes da realidade do mundo do trabalho, encorajando-os à tomada de decisão e assunção de riscos controlados.

Para atender às necessidades de formação geral, validando o exercício da cidadania e a inserção no mundo do trabalho, a escola que acolhe as juventudes deve estar imbricada com a construção de uma formação integral e fundamentada no projeto de vida dos estudantes.

No objetivo de orientar as finalidades do novo ensino, a Lei de Diretrizes e Bases, há mais de vinte anos, direcionava a atuação para: 1) Consolidação e aprimoramento dos conhecimentos advindos do Ensino Fundamental, ou seja, garantir a sequência metodológica dos anos iniciais como base do processo de ensino aprendizagem; 2) Preparação para a cidadania e mercado de trabalho, onde o educando percorre etapas teórico-práticas no seu exercício humano; 3) O aprimoramento do estudante como pessoa humana e o exercício da capacidade crítica e intelectual, fazendo refletir sobre sua função e capacidade argumentativa e prepositiva no entorno de sua comunidade; 4) A compreensão dos processos técnico-

tecnológicos e o entendimento entre a teoria e a prática, aliando recursos, ferramentas e inovações do mundo do trabalho.

Além de garantir a continuidade do processo educacional, do exercício da cidadania, bem como priorizar o desenvolvimento integral dos alunos, a escola deve estar comprometida e sintonizada com os objetivos, interesses e demandas dos estudantes à vista dos novos desafios da sociedade contemporânea. Para alcançar os objetivos de melhoria da qualidade na educação e colocar os jovens no protagonismo educacional é importante ressaltar a convicção de que estes estudantes possam assimilar e atingir suas metas independentemente de suas características pessoais e suas respectivas histórias de vida e formação.

Com base nesse compromisso, a BNCC prevê que a escola deve:

I) Garantir ao aluno espaço para o protagonismo e o desenvolvimento de suas capacidades de interpretação, reflexão e ação, fundamentais para o desempenho da autonomia e emancipação; II) Permitir o entendimento e sentido às aprendizagens e o maior vínculo aos desafios da sua realidade, contexto da produção e movimentação dos conhecimentos; III) Assegurar espaços que permitam reflexões interpessoais e composição de estratégias para efetivar seus aprendizados; IV) Promover a cultura colaborativa para o enfrentamento dos problemas complexos e estimular as atitudes em grupo no objetivo de aprenderem com seus pares o melhor caminho para a mundo do trabalho; V) Prever o apoio aos jovens para que reconheçam suas vocações e potencialidades, e desenvolvam a cultura empreendedora, responsável e ética, baseadas na criatividade, espírito de liderança, resiliência, assunção de riscos entendidos como competência fundamental ao desenvolvimento interpessoal, à inclusão social, a empregabilidade e a cidadania ativa (BNCC, 2021, p. 467).

Com a proposta de substituir o modelo curricular do Ensino Médio por uma estrutura flexível e diversificada, a Lei n.º 13.415/2017 modificou a LDB, definindo que o currículo do Ensino Médio, a partir de então, seria composto pela Base Nacional Curricular Comum e seus itinerários formativos, por meio dos mais variados arranjos curriculares, de acordo com a relevância e possibilidades dos sistemas de ensino:

- I – linguagens e suas tecnologias;
- II – matemática e suas tecnologias;
- III – ciências da natureza e suas tecnologias;
- IV – ciências humanas e sociais aplicadas;
- V – formação técnica e profissional (LDB, Art. 36).

Considerando a perspectiva empreendedora, é fundamental a adoção de tratamento metodológico que favoreça e estimule o protagonismo dos estudantes:

[...] evidencie a contextualização, a diversificação e a transdisciplinaridade ou outras formas de interação e articulação entre diferentes campos de saberes específicos, contemplando vivências práticas e vinculando a educação escolar ao mundo do trabalho e à prática social e possibilitando o aproveitamento de estudos e o

reconhecimento de saberes adquiridos nas experiências pessoais, sociais e do trabalho (BNCC, 2021, p. 479).

Dentro desta temática, especificamente em relação ao eixo estruturante do empreendedorismo, que contempla um dos itens dos itinerários formativos, observa-se que ela presume a mobilização das mais variadas áreas de formação atreladas ao desenvolvimento de produtos ou prestação de serviços baseados na inovação e por meio do uso das tecnologias. Dessa forma, os diferentes itinerários formativos nas instituições educacionais devem considerar as necessidades da comunidade escolar local, os recursos disponíveis e os materiais humanos das redes, de forma a permitir aos estudantes situações efetivas para a construção e desenvolvimento de seus projetos de vida e se integrarem de forma lúcida e autônoma no exercício da cidadania e no mundo do trabalho.

O objetivo desse novo Ensino Médio é colocar o estudante no centro do processo de aprendizagem, pois o currículo extenso e fragmentado não dialoga com a juventude, nem com o setor produtivo, e muito menos com as demandas do século 21. Dessa forma, o foco central é garantir direitos iguais aos alunos tendo como referência as disciplinas base da BNCC e, por meio dos itinerários formativos, a especialização e aprofundamento naquilo que relaciona com seus interesses e vocações para uma melhor conexão com o mundo do trabalho.

Esses itinerários precisam ser atraentes para os estudantes e a preparação do currículo educacional deve priorizar o desenvolvimento de competências e habilidades como base do processo e otimizar a escolha e o aprofundamento dentro dos itinerários formativos, que possam ir ao encontro aos interesses e vocação dos estudantes.

A medida provisória, convertida na Lei n.º 13.415, elaborou o novo Ensino Médio, consolidando muitas discussões que estavam sendo realizadas no legislativo para dar celeridade ao processo. A percepção diagnóstica do Ensino Médio brasileiro, em comparação a outros países do mundo, demonstra uma estrutura muito homogênea de atividades, refletindo uma etapa na qual o aluno é submetido a atividades similares a seus colegas, sem a variação do conteúdo, preferências ou projetos de vida. A flexibilização das atividades deverá engajar o estudante dentro do ambiente escolar, promovendo mais chances de escolha, inserindo e integrando-o à formação técnico-profissional durante essa etapa.

Na busca de um sistema educacional de excelência, a possibilidade de escolhas por parte dos alunos nas suas trajetórias acadêmicas, fazendo suas especializações de acordo com seu projeto de vida, pode se tornar fundamental para o desempenho da autonomia e melhoria da capacidade emancipatória. Enxergar o significado de suas ações dentro da escola pode ser

determinante na sua perspectiva de mundo e na melhor orientação dos trajetos para a potencialização da aprendizagem.

O novo Ensino Médio, dessa forma, contempla a formação geral básica, o desenvolvimento dos conteúdos e competências mínimas previstas na BNCC das diferentes áreas do conhecimento e os itinerários formativos, compondo 1800 horas obrigatórias. As 1200 horas dos itinerários formativos complementam a carga horária por meio de projetos, clubes e outras organizações específicas no aprofundamento e aperfeiçoamento dos jovens em disciplinas como empreendedorismo, formação técnico-profissional e educação financeira.

Para o professor Gemignane (2012), é necessário superar a abordagem mecanicista, hegemônica, fragmentada e competitiva, para uma abordagem sistêmica, holística, integradora e cooperadora. Transformar abordagens em experiências ativas requer muita atenção para mudanças nos elementos constantes no contexto sala de aula. O aluno, dessa forma, se torna o centro do processo, para uma aprendizagem significativa e o professor, orientador dos processos interativos.

A escola, nesse novo contexto, precisa inovar-se constantemente. Os mediadores precisam articular práticas acadêmicas no âmbito de experiências criativas, prazerosas e conscientes. A nova configuração social, a desmotivação dos estudantes e a falta de mobilidade e dinâmicas pedagógicas, suscitam a necessidade factível de inferir novos espaços e mecanismos educacionais para a promoção da autonomia, autoconfiança e criatividade.

3. BASES CONCEITUAIS DO EMPREENDEDORISMO

As raízes latinas mais antigas do termo ‘empreendedorismo’ remetem a *imprehendere*, noção de assumir o controle ou embarcar em algo para tentar executar uma tarefa. Na sua origem moderna, a versão francesa do termo, *entrepreneur*, buscava significar aquele que se encarrega de alguma coisa, aquele que compreende, que organiza e executa determinado processo ou produto. Na sua tradução para o português, Houaiss (2001) reconhece empreender como o ato de decidir realizar uma tarefa difícil e trabalhosa, pôr em execução e realizá-la. Em associação direta, o empreendedor se apresenta como aquele que empreende e empreendedorismo como um movimento social que desse termo.

No século 18, Richard Cantillon (1680-1734), a quem geralmente é atribuída a responsabilidade por recuperar e disseminar o termo empreendedor na era moderna, destacava o papel das incertezas ao tratar do *entrepreneur*. De acordo com a sua perspectiva, os habitantes de um país poderiam ser divididos entre independentes – os príncipes e proprietários de terras – e dependentes. Dentre aqueles considerados dependentes, Cantillon distinguia os que tinham salário certo e incerto. Os últimos eram vistos como empreendedores.

Por todas estas considerações e por inúmeras outras que poderiam ser feitas numa matéria que tem por objeto todos os habitantes de um país, pode-se concluir que todos esses habitantes, exceto o príncipe e os proprietários de terra, são dependentes; que eles podem ser divididos em duas classes, isto é, em empresários e os que vivem de salário; que os empresários vivem como se recebessem salário incerto e todos os demais como se recebessem salários certos, pelo menos durante o tempo em que os recebem, ainda que suas funções e suas posições sociais sejam extremamente desproporcionais (CANTILLON, 2002, p. 46).

Cantillon (2002) associa a ideia de empreender com a de assumir riscos e trabalhar com incertezas. Segundo ele, quem assume tais riscos, seja o empresário que encomenda a produção ou o próprio artesão, deve estar disposto a se submeter às incertezas em relação ao volume de consumo e ao tempo necessário até que seus clientes adquiram todos os seus produtos. Ele, portanto, argumenta que a origem do empreendedorismo se encontrava na ausência de previsibilidade. Como as incertezas são inerentes à vida econômica cotidiana, em sua visão, aqueles que se dedicam continuamente às tomadas de decisões econômicas poderiam ser considerados empreendedores.

Considerando as contribuições de Cantillon como um marco simbólico e conceitual do surgimento e evolução inicial da ideia de empreendedorismo na era moderna, tem-se que esse debate é lançado por intermédio do contexto marcado pelo desenvolvimento de um saber cada vez mais sistemático, em uma época de profundas transformações na visão de mundo do homem

ocidental. Com o esfacelamento da unidade cristã e a consequente implosão da autoridade supranacional da igreja católica na Europa dos séculos XVI e XVII, houve uma verdadeira revolução intelectual desencadeada a partir do movimento reformista. À medida que o clima de ceticismo de autores como o francês Michel de Montaigne (1533-1592) ia se disseminando, novos horizontes e visões de mundo eurocêntricas eram construídas e legitimadas pelo discurso da afirmação de um método supostamente correto e universal para o exercício da atividade científica.

Neste sentido, duas orientações metodológicas passam a se destacar nesta época como grandes expoentes do pensamento ocidental, formando as bases epistemológicas do assim chamado universalismo europeu. Por um lado, o empirismo inglês de Francis Bacon (1561-1626), para quem a observação e experimentação conduziriam às generalizações universais que deveriam governar a sociedade e, por outro, o racionalismo moderno com a busca do francês Rene Descartes (1596-1650) pelo valor objetivo dos conhecimentos científicos. Segundo Descartes, a única verdade que deveria de fato interessar seria aquela que qualquer indivíduo, educado ou não, poderia alcançar por conta própria caso se valesse do seu discurso do método para bem conduzir a razão e procurar a verdade.

Posteriormente, caberia a Isaac Newton (1643-1727) o papel na história como responsável por realizar a síntese destas duas correntes metodológicas, unindo e superando o empirismo de Bacon e o racionalismo de Descartes. A física e a mecânica celeste de Newton representam um esforço para mostrar como o rigor metodológico aplicado para determinados casos particulares, como o movimento dos corpos em queda livre e a órbita dos planetas, permitiria o enunciado de leis naturais aplicáveis a todo o universo. Assim, a visão clássica dominante na ciência foi erigida sobre as premissas básicas do modelo newtoniano, que afirmava uma simetria entre passado e futuro observável a partir da existência de leis naturais, e do racionalismo cartesiano, que propunha a existência de um dualismo entre o mundo físico e o mundo social ou espiritual.

O período que se estende a partir das concepções newtonianas, imortalizadas nos seus “Princípios Matemáticos da Filosofia Natural”, marca o desenvolvimento cada vez mais acentuado de um cientificismo secular que se caracterizará por um movimento crescente de disciplinarização do pensamento social. É assim que, em meados do século 19, percebe-se o triunfo daquilo que o sociólogo norte-americano Immanuel Wallerstein chamou de pensamento “universalizante-setorizante”, ou nomotético-idiográfico (WALLERSTEIN, 1989). Se por um lado o pensamento novecentista é caracterizado como universalizante por se pautar sobre a descrição da realidade empírica com o objetivo de chegar, via indução, à

formulação de leis abstratas que se supunham verdades absolutas para todos os tempos e lugares, por outro lado, o pensamento é também identificado como setorizante, porque acreditava-se que o conhecimento seria resultado de um esforço de especialização fruto da fragmentação do saber em distintas disciplinas.

3.1. Perspectivas históricas do empreendedorismo

Como desdobramento direto do movimento iluminista, multiplicam-se as disciplinas acadêmicas com o objetivo de cobrir as mais diversas áreas do conhecimento, desde as ciências naturais até as humanidades. Essa diversidade intelectual se manifestava através da criação de múltiplas estruturas disciplinares que passavam a ocupar um espaço cada vez maior dentro das principais universidades europeias. Essa diversificação das disciplinas inseria-se num esforço empreendido no sentido de gerar e desenvolver um conhecimento supostamente objetivo sobre a realidade social, o que levou a interpretações que entendiam os fenômenos sociais como resultantes de um processo histórico desencadeado e mantido essencialmente por causas naturais.

Neste contexto, o francês Jean Baptiste Say (1767-1832), dando continuidade à utilização do conceito de empreendedorismo, descreveu a atividade empreendedora como sendo o esforço de alguém para conciliar a utilização dos fatores de produção com o gerenciamento dos riscos associados. Nesse sentido, a terminologia evoluiu de forma atrelada ao contexto de negócios, geralmente para se referir àquelas pessoas que compravam e revendiam mercadorias. Era o desenvolvimento da ideia do homem econômico racional, tido pelos pensadores iluministas como fruto do alvorecer das ideias. Eles acreditavam que a convergência de resultados econômicos e políticos era resultado direto de escolhas humanas racionais.

No século XIX, disseminou-se, portanto, uma percepção de que se os homens agissem como sujeitos racionais, os resultados de suas escolhas políticas reforçariam os resultados produzidos pelo mercado. Isso, obviamente, sob a condição de que as escolhas não ficassem a cargo de todos, mas fossem reservadas apenas para um grupo seletivo de homens dotados de razão. Neste grupo, estavam excluídas as mulheres, que supostamente seriam guiadas pela emoção, e os escravos, os pobres e os despossuídos, que seriam movidos pelo instinto. Assim, mesmo que lentamente e sem muito destaque, a ideia de empreendedorismo evoluiu em paralelo com as concepções econômicas neoclássicas que defendiam a existência de uma tendência ao equilíbrio no mercado de fatores em razão das leis da oferta e demanda. Em outras palavras, os

mercados seriam autorreguláveis e o sucesso das atividades empreendedoras, que eram vistas como um desdobramento quase que natural de escolhas humanas racionais, poderia ser explicado com base nas leis que regiam o funcionamento da economia.

Dessa forma, em meio a um contexto de naturalização dos fenômenos sociais e econômicos, o conceito de empreendedorismo foi tratado com menor importância nos debates acadêmicos. A grande reviravolta, contudo, aconteceria à época dos trabalhos de Joseph Schumpeter (1883-1950), que, no início do século 20, passou a apontar para a centralidade dos empreendedores como agentes responsáveis pelas transformações socioeconômicas. Ele passa então a apresentar a figura central do empresário inovador como um agente econômico, que traz novos produtos para o mercado por meio de combinações mais eficientes dos fatores de produção, ou pela aplicação prática de alguma intervenção ou inovação tecnológica. (SCHUMPETER, 1997).

Schumpeter trabalhou o conceito de empreendedor a partir do contexto do debate sobre a ideia de desenvolvimento, que, para ele, é um processo dinâmico que desequilibra os parâmetros básicos do sistema econômico. Na sua perspectiva, o desenvolvimento econômico não era entendido como um simples desdobramento da teoria econômica ortodoxa. Assim, o desenvolvimento econômico era a base para se reinterpretar um processo social vital que vinha sendo negligenciado pelas análises econômicas neoclássicas ao insistirem em sua abordagem estática do equilíbrio geral. Na visão de Schumpeter, o empreendedor ganha centralidade justamente por ser a *persona causa* do desenvolvimento econômico.

Combinando ideias de pensadores tão distintos quanto Marx, Weber, Walras e Menger, Schumpeter propõe uma perspectiva de mudança social fundada sobre a ação dos sujeitos empreendedores em uma economia dinâmica. Ao se distanciar da teoria econômica ortodoxa, ele se resguarda do determinismo iluminista das escolhas racionais e sugere uma maior complexidade à percepção do papel do empreendedor na economia e sociedade. Assim como aparece na leitura de Hérbert e Link (1989), Schumpeter admitia que a função essencial do empreendedor se encontrava em um conjunto de ações ligadas ao trabalho, à gerência, à tomada de decisões, inovação e novas combinações na esfera produtiva. Assim, lançava as bases de uma nova e significativa abordagem em relação ao progresso e desenvolvimento econômico, centrada, fundamentalmente, na ação empreendedora dos indivíduos, que exerciam influência direta sobre os processos de mudança social.

O pensamento schumpeteriano desencadeou a retomada do debate acadêmico sobre empreendedorismo e a consequente publicação de uma série de novos trabalhos com diferentes enfoques sobre o tema em meados do século XX. Dentre eles, merece destaque o trabalho de

Arthur Cole, que defendia a ideia de que empreendedores eram agentes produtivos que se valiam dos fatores de produção para a criação de bens e se viam forçados a tomar decisões em uma atmosfera de incertezas. De forma mais específica, Cole define o empreendedorismo como sendo uma atividade de um indivíduo ou grupo dotado do propósito de iniciar, manter ou expandir uma unidade de negócios para a produção ou distribuição de bens e serviços econômicos, tendo em vista a obtenção de vantagens pecuniárias. Neste caso, assim como observam Hébert e Link (2009), atividade dotada de propósito deve ser entendida como atividade direcionada a um fim específico, presumivelmente a maximização de lucros.

Em um contexto de síntese do pensamento neoclássico, posterior à revolução das ideias econômicas causada pelos trabalhos de John Maynard Keynes, na década de 1930, muitas definições conceituais relativas ao empreendedorismo começaram a se aproximar de um porto aparentemente seguro, que era a associação do termo com a ideia de negócios. Assim, a figura do empreendedor foi perdendo sua essência multidimensional à medida que se misturava cada vez mais com a imagem do indivíduo empresário. Como resultado, os conceitos de empreendedor e empresário começaram a se confundir. Essa confusão chega ao ponto, inclusive, de aparecer na própria tradução da obra magna de Schumpeter para o português. Na tradução de “Teoria do Desenvolvimento Econômico”, amplamente difundida no Brasil, o termo *entrepreneur* é traduzido como empresário, e não como empreendedor.

Quando o conceito de empreendedorismo se associa com a ideia de negócios, perde-se a essência multidimensional do sujeito empreendedor e valoriza-se a ideia unidimensional do sujeito empresário. Essa percepção mais fechada do termo ganhou espaço a partir de meados do século XX em agendas de pesquisa de diversas universidades, principalmente nos departamentos de administração e negócios, mas não só. Rapidamente, a imagem do sujeito empreendedor foi sendo vinculada à ideia de indivíduos bem-sucedidos, supermotivados, criativos e independentes. Para Elizabeth Eldrich (1986), o sujeito empreendedor foi incorporando uma visão romântica do capitalismo e assumindo a condição mítica do verdadeiro *self-made man*. Na análise de Antônia Colbari,

[...] a concepção tradicional do empreendedor sedimenta uma imagem romântica e mitificada de um indivíduo portador de qualidades e habilidades excepcionais que fomentam o crescimento e o desenvolvimento da sociedade, mas apresentadas descoladas dos contextos socioeconômicos e culturais (COLBARI, 2007, p. 81).

O empresário herói, tido como o verdadeiro promotor ou salvador do progresso econômico, passou a colecionar atributos que, no imaginário popular, passaram a ser vistos como inerentes a sua própria condição. O que, entretanto, não ficou muito bem explicado eram

justamente os motivos que levavam esse seletivo grupo de indivíduos a ser, em sua maioria, composto por homens brancos, na faixa dos trinta anos, com ensino superior completo, usualmente primogênitos e com mais disposição para assumir riscos do que os demais. Importante destacar também que essa visão romântica do indivíduo empreendedor ganha força a partir de meados dos anos 1960, quando o acirramento da competição econômica internacional e a diminuição gradual dos superávits americanos em conta corrente levaram a um aparente declínio da hegemonia dos Estados Unidos no contexto internacional.

Esse período marcou justamente o fim da assim chamada Era de Ouro do capitalismo no século XX. O aumento da competição econômica combinado com o acirramento das rivalidades políticas intensificou a instabilidade do sistema internacional à medida que a gestão da riqueza capitalista foi sendo progressivamente deslocada para a acumulação de ativos financeiros (títulos e ações). Essa condição particular de crise, agravada pelas inexistentes perspectivas de retomada do crescimento econômico e geração de novos empregos, fez com que a ideia de empreendedorismo ganhasse ainda mais destaque. Exemplo claro é o próprio discurso do presidente norte-americano Ronald Reagan, de 1985, em que afirma que os anos 1980 eram a Era do Empreendedor. Proferido no Salão Oval da Casa Branca, dentre outros pontos, destaca que:

Começamos com um reconhecimento básico: as maiores inovações para novos empregos, tecnologias e vigor econômico hoje vêm de um pequeno, mas crescente círculo de heróis, pequenos empresários, empresários americanos, homens e mulheres de fé, intelecto e ousadia que assumem grandes riscos para investir e inventar nosso futuro. A maioria dos 8 milhões de novos empregos criados nos últimos 2 anos e meio foram criados por pequenas empresas - empresas muitas vezes nascidas do sonho de um coração humano. Aos jovens americanos que se perguntam esta noite, para onde irei, o que farei do meu futuro, tenho uma sugestão: por que não embarcar com seus amigos no caminho da aventura e tentar abrir seu próprio negócio? Siga os passos daqueles dois estudantes universitários que lançaram uma das grandes empresas de computadores da América da garagem atrás de sua casa. Você também pode nos ajudar a abrir as portas para um futuro dourado. Você também pode se tornar líder nesta grande nova era de progresso - a era do empreendedor (ESTADOS UNIDOS, 1985, tradução nossa).²

² *We begin with a basic recognition: The greatest innovations for new jobs, technologies, and economic vigor today come from a small but growing circle of heroes, the small business people, American entrepreneurs, the men and women of faith, intellect, and daring who take great risks to invest in and invent our future. The majority of the 8 million new jobs created over the last 2\1/2\ years were created by small enterprises -- enterprises often born in the dream of one human heart. To young Americans wondering tonight, where will I go, what will I do with my future, I have a suggestion: Why not set out with your friends on the path of adventure and try to start up your own business? Follow in the footsteps of those two college students who launched one of America's great computer firms from the garage behind their house. You, too, can help us unlock the doors to a golden future. You, too, can become leaders in this great new era of progress -- the age of the entrepreneur (ESTADOS UNIDOS, 1985).*

Durante os anos 80, houve uma verdadeira explosão nas transações financeiras que acabou deprimindo o comércio internacional de mercadorias reais. O crescimento produtivo estancou em consequência da crescente liberalização financeira que criou um mercado unificado de dinheiro e ativos financeiros em escala global mediante ao comando do sistema financeiro americano, que inauguraria um novo padrão monetário baseado apenas sobre o dólar. Esse mercado de crédito e capitais em escala global cumpre o objetivo de apropriação de riqueza sem necessariamente ter que passar pela ampliação da produção e por isso atrai grande parte dos investimentos e gera desemprego. No fragmento destacado acima, além de considerar os anos 1980 como a Era do Empreendedor, Reagan também transfere a responsabilidade pelo fomento ao crescimento econômico e à geração de empregos do Estado para os cidadãos empreendedores, tratados por ele como heróis.

Em um contexto de ascensão neoliberal, esse direcionamento do discurso empreendedor contribuiu para enfatizar ainda mais uma noção unidimensional do conceito de empreendedorismo. De acordo com Colbari,

O movimento de resignificação da noção de empreendedorismo confunde-se com as estratégias de afirmar a sua condição de alternativa legítima ao emprego formal, como horizonte ocupacional e como projeto profissional tanto para os que foram excluídos do trabalho assalariado quanto para aqueles que não conseguiram ser incluídos. Deve-se menos ao resgate do sonho de ser patrão e muito mais às dificuldades de realizar o sonho da carteira assinada (COLBARI, 2007, p. 84).

Dessa forma, resta o questionamento sobre a apropriação do termo com o objetivo de fortalecer uma retórica de surgimento de um novo paradigma produtivo e de novos trabalhadores, supostamente mais dinâmicos, independentes e ativos.

Neste sentido, fica evidente que o discurso sobre empreendedorismo que vem sendo amplamente disseminado nas últimas décadas não se sustenta conceitualmente sobre bases sólidas. A história dos últimos dois mil anos revela a existência de um enorme conjunto de grupos sociais em múltiplos sistemas históricos que demonstraram atitude e inclinação para empreendimentos capitalistas, como produtores, mercadores e financistas. Assim, a própria ideia de que o momento atual pode ser chamado de a era do empreendedorismo (DORNELAS, 2017:10) não se sustenta historicamente. Em primeiro lugar, como já observado anteriormente, porque a expansão sistêmica desencadeada por iniciativas empreendedoras não é uma exclusividade da era atual e, em segundo lugar, porque empreendedores individuais não transformam o mundo sozinhos. O conjunto dos empreendedores, que podemos aqui identificar como o próprio mercado, mantém relações com o Estado que são muito mais imbricadas do que muitos sequer podem imaginar.

Por isso, insistimos no argumento de que empreender, no sentido comumente utilizado hoje, não é nenhuma novidade e somente faz sentido se tratado de forma ampla, remetendo-se mais à ideia de processo, movimento e transformação do que à ideia de negócios. Infelizmente, essa não é a ideia mais disseminada hoje em dia, pois quando se fala em empreendedorismo, pensamos mais em empresários do que em empreendedores. Desta forma, é preciso resgatar o ponto em que empreendedorismo era tratado como uma cadeia de eventos e atividades que se desdobram em novos eventos e atividades ao longo do tempo. Somente quando analisado a partir de uma perspectiva de transformação permanente é que o conceito fará sentido em um contexto educacional.

3.2. Novas perspectivas e a noção de educação empreendedora

À época da publicação dos trabalhos de Schumpeter, no início do século XX, vinha sendo lentamente gestado outro importante movimento de ruptura epistemológica com os antigos postulados científicos novecentistas. Um conjunto de novos autores, dentre os quais se destacavam os historiadores franceses Lucien Febvre e Marc Bloch, vinha fazendo um contraponto à visão de mundo fechado do pensamento intelectual eurocêntrico e universalista, amplamente disseminado pelas principais universidades europeias de então. De acordo com essa nova perspectiva, a ciência como um todo passara a ser dinâmica e instável, de modo que seus postulados básicos precisariam ser revistos. Apesar das inúmeras controvérsias, o legado desse novo método de abordagem contribuiu, mesmo que de forma limitada a princípio, para novos desdobramentos do próprio conceito de empreendedorismo.

Embora a contribuição dessa perspectiva de análise para o estabelecimento de novos paradigmas de pesquisa seja lenta e gradual, seu impacto nos meios acadêmicos foi significativamente relevante desde a fundação dos “Anais de História Econômica e Social”, em 1929. Fernand Braudel, que foi um dos principais expoentes da segunda geração dos Anais, acreditava que a grande originalidade desse movimento intelectual estava em propor um trabalho coletivo entre as disciplinas, um trabalho em que cada disciplina praticando sua especialização legítima, além de cultivar laboriosamente seu próprio jardim, se esforçasse por prosseguir também aprendendo com a obra do vizinho (Braudel, 2009). A ruptura proposta por essa nova abordagem contribuiu para recuperar a complexidade conceitual que vinha sendo negligenciada pelas análises positivistas, tidas quase que como ciências exatas.

Desta forma, em meados do século XX, ao mesmo tempo em que a ideia em torno do conceito de empreendedorismo tende para o lado de análises unidimensionais, geralmente

associadas à síntese neoclássica e à ideia de negócios, abre-se uma divergência intelectual a partir do surgimento de perspectivas mais heterodoxas, apesar de não dominantes. E é justamente com base nessa perspectiva mais aberta e interdisciplinar que a noção de empreendedorismo e educação empreendedora vai encontrar o seu campo mais fértil para a concepção de ideias. Neste sentido, o termo empreendedor se distancia da noção restrita de empresário e se reaproxima da ideia de processos ou atividades humanas sensíveis. Remetendo-se a uma percepção de transformação permanente, resgata sua dimensão temporal mais ampla e incerta. Empreender, neste sentido, significa pensar e agir, pois, assim como destacou Marx (2011:25) na abertura do 18 de Brumário de Luís Bonaparte, os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem vistas às circunstâncias de sua própria escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

Para Boava e Macedo (2009), a base transdisciplinar e teleológica do empreendedorismo faz com que o termo se sustente na plena realização do ser e se defina como um conjunto de atividades que visam proporcionar ao empreendedor, no decurso de sua ação, plena liberdade. O empreendedor, neste sentido, é o indivíduo executor de uma ação capaz de produzir uma ruptura com aquilo que lhe proporciona segurança e estabilidade nas mais variadas dimensões da vida social, como na política, esportes, cultura e negócios, por exemplo, (BOAVA e MACEDO, 2009). Essa concepção busca justamente enfatizar a dimensão multifacetada da ação humana empreendedora, que, embora não seja exatamente livre em suas possibilidades de escolha, é dotada de conhecimento e experiência que lhe proporcionam níveis cada vez mais avançados de capacidade de análise de problemas complexos e tomada de decisão. Esse, portanto, deve ser o objetivo maior de uma educação empreendedora: proporcionar condições específicas que confirmam cada vez mais autonomia para os sujeitos educandos. Assim como destaca Paulo Freire, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção (FREIRE, 1996).

Com efeito, uma educação empreendedora é aquela que se baseia sobre o princípio dialético da transformação social alimentada pela permanente reciprocidade do movimento de ensinar e aprender. A prática pedagógica não se resume, portanto, ao treinamento de habilidades técnicas específicas. Ela deve fomentar a curiosidade e a capacidade de elaboração de questões cada vez mais complexas com o objetivo de preparar os indivíduos não apenas para a compreensão dos problemas, mas também para a ação propositiva direcionada para a sua minimização. Nas palavras de Hamilton Werneck (2007), sabendo que o mundo é complexo, caótico, estruturado, intenso e dialético, entre a linearidade e a complexidade, a escola

empreendedora deve ficar com a segunda opção. Ainda segundo Werneck, “a suposição básica de uma escola empreendedora é a de que este ato educacional com vistas às transformações muda a pessoa, muda o meio e está aberto às diferenças imprevisíveis que se apresentarem durante o processo” (WERNECK, 2007, p. 24).

Condição básica, neste sentido, é aquela destacada por Paulo Freire ao afirmar que os indivíduos não devem estar demasiado certos de suas certezas, assim como devem ter consciência do seu próprio inacabamento ou inconclusão. Reconhecer-se como um ser inacabado faz com que o homem se ponha em busca daquilo que lhe falta e o coloca como sujeito de sua própria educação. Neste sentido, toda educação que se pretende empreendedora deve ter caráter permanente e estar aberta à superação de seus próprios saberes acumulados em um exercício de constante produção e reprodução de conhecimentos. Por isso, a visão romântica e limitada do sujeito empreendedor, enquanto um herói do progresso e do desenvolvimento econômico, é uma contradição em termos. A verdadeira educação empreendedora deve ser, neste sentido, antissistêmica, rebelde e indócil para tornar-se de fato criadora e inovadora.

Uma escola empreendedora deve ser capaz de transcender os limites impostos pelas próprias disciplinas sem prescindir de suas obrigações legais. Ela deve promover a criatividade com ênfase nos saberes estruturantes, tornando-se sobretudo uma rota para o desenvolvimento de habilidades e competências. Assim, como destaca Werneck, uma escola desse tipo, que prepara seus estudantes para o futuro, deve ser capaz de atender às exigências curriculares previstas na legislação de ensino ao mesmo tempo que encontra segurança na ambiguidade dos próprios conteúdos, e não em suas certezas.

Em meados do século XX, ao mesmo tempo em que a ideia em torno do conceito de empreendedorismo tende para o lado de análises unidimensionais, geralmente associadas à ideia de negócios, abre-se uma divergência intelectual a partir do surgimento de perspectivas mais heterodoxas, apesar de não dominantes. E é justamente com base nessas perspectivas mais abertas e interdisciplinares que a noção de empreendedorismo e educação empreendedora vai encontrar o seu campo mais fértil para a concepção de ideias. Neste sentido, o termo empreendedor se distancia da noção restrita de empresário e se reaproxima da ideia de processos ou atividades humanas sensíveis.

Para Boava e Macedo (2009), a base transdisciplinar e teleológica do empreendedorismo faz com que o termo se sustente na plena realização do ser e se defina como um conjunto de atividades que visam proporcionar ao empreendedor, no decurso de sua ação, plena liberdade. Visto a partir deste viés, “[...] o empreendedor é o indivíduo executor de uma ação capaz de produzir uma ruptura com aquilo que lhe proporciona segurança e estabilidade” (BOAVA;

MACEDO, 2009, p. 11) nas mais variadas dimensões da vida social, como na política, esportes, cultura e negócios, por exemplo. Essa concepção busca justamente enfatizar a dimensão multifacetada da ação humana empreendedora, que, embora não seja exatamente livre em suas possibilidades de escolha, é dotada de conhecimento e experiência que lhe proporcionam níveis cada vez mais avançados de capacidade de análise de problemas complexos e tomada de decisão.

Esse, portanto, deve ser o objetivo maior de uma educação empreendedora: proporcionar condições específicas que confirmam cada vez mais autonomia para os sujeitos educandos. Assim como destaca Paulo Freire, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção (FREIRE, 1996). Com efeito, uma educação empreendedora é aquela que se baseia sobre o princípio dialético da transformação social alimentada pela permanente reciprocidade do movimento de ensinar e aprender. A prática pedagógica não deve se resumir, portanto, ao treinamento de habilidades técnicas específicas. Ela deve fomentar a curiosidade e a capacidade de elaboração de questões cada vez mais complexas com o objetivo de preparar os indivíduos não apenas para a compreensão dos problemas, mas também para a ação propositiva direcionada para a sua minimização.

Nas palavras de Hamilton Werneck (2007), sabendo que o mundo é complexo, caótico, estruturado, intenso e dialético, entre a linearidade e a complexidade, a escola empreendedora deve ficar com a segunda opção. Ainda segundo Werneck, “[...] a suposição básica de uma escola empreendedora é a de que este ato educacional com vistas às transformações muda a pessoa, muda o meio e está aberto às diferenças imprevisíveis que se apresentarem durante o processo” (WERNECK, 2007, p. 24). Condição básica, neste sentido, é aquela destacada por Paulo Freire (1996) ao afirmar que os indivíduos não devem estar demasiados certos de suas certezas, assim como devem ter consciência do seu próprio inacabamento ou inconclusão. Reconhecer-se como um ser inacabado faz com que o homem se ponha em busca daquilo que lhe falta e o coloca como sujeito de sua própria educação. Neste sentido, toda educação que se pretende empreendedora deve ter caráter permanente e estar aberta à superação de seus próprios saberes acumulados em um exercício de constante produção e reprodução de conhecimentos.

Portanto, a visão romântica e limitada do sujeito empreendedor, visto como um herói do progresso e do desenvolvimento econômico, é uma contradição em termos. Uma escola empreendedora em sentido amplo deve ser capaz de transcender os limites impostos pelas próprias disciplinas sem prescindir do “[...] conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2018, p. 7). Ela deve ensinar a criatividade por meio da integração

total da sua integralização curricular e fomentar a superação dos saberes consolidados. Assim como destaca Werneck (2007), uma escola deste tipo, que prepara seus estudantes para o futuro, deve ser capaz de atender as exigências curriculares previstas na legislação de ensino ao mesmo tempo em que encontra segurança na ambiguidade dos próprios conteúdos, e não em suas certezas.

Com base nesse repertório de possibilidades a escola deve ser capaz de explorar novas técnicas de ensino, romper com os modelos produtivistas e estimular suas práticas externalizando diversos saberes e experiências ao longo da jornada acadêmica de seus alunos. De maneira especial, a utilização dos recursos metodológicos deve provocar a construção e formação através da reflexão, orientação e ação. Para Dolabela (2003, p. 32), “[...] empreender é um processo onde o indivíduo constrói e reconstrói ciclicamente sua representação no mundo, por meio de autocriação e autoavaliação [...]”. Isso significa que a educação empreendedora é compreendida como um processo que viabiliza o desenvolvimento e a formação de um aluno que se posiciona no mundo de forma proativa, construindo e transformando conceitos em saberes, além de criar uma fonte geradora de impulso para a sua transformação profissional.

Na visão de Guerra e Grazziotin (2010, p. 83), “[...] o tema empreendedorismo deve ser tratado em todos os cursos e em todos os níveis”, desdobrando a essência unidimensional para uma perspectiva mais multidisciplinar. Essa ação deve permitir que os estudantes sejam estimulados a discutirem temas comuns entre várias disciplinas, pois existem muitas questões interconectadas formando uma cadeia harmonizada, integrada e transversal. Isso mostra que novos espaços e estratégias podem ser cultivados na escola para a exploração dos recursos intrapessoais e interpessoais. Essas experiências podem construir um ambiente promissor para a propagação e o avanço das perspectivas de desenvolvimento de uma cultura empreendedora.

3.3. A relação dos círculos de cultura com a ideia de educação empreendedora

Considerando o conceito de empreendedorismo a partir de uma perspectiva ampla, é possível caminhar ao encontro das estratégias educacionais de Paulo Freire, em especial ao encontro dos círculos de cultura desenvolvidos pelo educador. A estrutura metodológica criada por ele, e muito praticada na década de 60 para alfabetizar jovens e adultos, partia do pressuposto de que a aprendizagem e a construção de conhecimento se davam por meio de relações dialéticas. A perspectiva do professor Freire versava sobre os mais variados temas do cotidiano, tais como cidadania, direitos humanos, ética e temas sociais, para alcançar a finalidade educativa.

Essa prática realizava-se com os estudantes posicionados em forma de círculo, estrutura horizontal, o que permitia que todos ficassem em posições equidistantes, diferentemente dos padrões de sala de aula onde o professor geralmente ocupa o patamar superior, validando uma hierarquia, uma superposição e os alunos enfileirados.

O espaço geográfico circular trabalha a relação de horizontalidade, onde todos os educandos são tratados com igualdade. Neste círculo, o professor reconhece a horizontalidade e promove a interlocução do debate, responsabilizando-se pela mediação, pela capacidade de problematizar e de realizar as sínteses. Os círculos de cultura são espaços de liberdade e produção de conhecimento coletivo, utilizados como estratégia para romper a lógica verticalizante e hierarquizante dos métodos de ensino tradicionais.

Nessa perspectiva, o educador é identificado como um verdadeiro “animador de debate”. Ele tem essa função de instigar, chamar à participação e intervenção dos alunos acerca dos temas elencados, promovendo uma dialogicidade entre os atores educacionais. Na proposta freiriana, os estudantes são considerados educandos, pois o gerúndio que denota a ideia do processo, da transformação e do movimento. Na medida em que esse aluno participa das ações dialógicas, o conhecimento é produzido. As diferentes versões de um determinado contexto e percepções de cada realidade proposta contribuem para a leitura do problema da comunidade em questão, com vistas a transformá-lo com atitudes proativas, críticas e fundamentadas.

Em linhas gerais, trata-se de uma pedagogia prática que rompe com as características tradicionais de ensino ao vocacionar jovens e adultos a uma proposta crítica e intuitiva, por meio da construção de vínculos entre os educandos (GADOTTI, 2000). Na visão de Gadotti (2000), baseado em Freire, o processo educacional deve destacar a espontaneidade e a libertação em um processo de abertura da escola para o mundo, com base na gestão coletiva do conhecimento social. Dessa forma, as relações entre os alunos devem permitir a troca, o raciocínio intuitivo e a transferência das experiências vividas, formando assim combinações para novas aprendizagens. Para Gadotti (2000), problematizar a existência pessoal e da sociedade é a arte de desenvolver a teoria e a prática por meio da ação e conscientização.

O autor destaca quatro intuições fundamentais que revelam conformidade com a ideia de pedagogia empreendedora que este trabalho busca revelar: 1) Gnosiologia da prática educativa, na ideia de que educar é conhecer para poder transformar o mundo; 2) Educação como ação dialógica, onde o ato de conhecer está ligado às relações com os outros, às experiências e requisitos intrapessoais; 3) Ciências abertas às demandas populacionais e sociais, que por sua vez enfatizam os anseios básicos sociais, principalmente aqueles que garantem uma vida digna, como o emprego, e não aqueles que valorizam uma lógica capitalista de lucro e

consumo; 4) Gestão democrática, que defende as ações colaborativas de um povo, ações que demonstrem o interesse do ser social.

Nesse sentido, essas intuições são convergentes com a prática pedagógica freiriana dos círculos de cultura, pois despertam novos caminhos para a libertação e rompem com a noção tradicional de aula, ao mesmo tempo em que propõem um pensamento mais humanista e dialético. Desta forma, uma nova escola é pensada, uma escola onde o professor não atue como sujeito que sabe e o aluno como sujeito que aprende, mas sim como sujeitos que aprendem e ensinam com o que juntos descobrem (GADOTTI, 2000, p. 8). Essa é a perspectiva pedagógica que abraça os círculos de cultura freirianos.

Trata-se, portanto, de uma escola aberta para o mundo, uma escola de projetos e de inovações nas suas mais variadas teorias e práticas. Entende-se que a sociedade do conhecimento deve ser a escola das oportunidades, da emancipação, da criatividade e transformação. A educação do futuro não possui receita infalível e correta, pois somos seres complexos, sábios, criativos e, fundamentalmente, inacabados. Por isso, compartilhar as distintas leituras do mundo é a razão fundamental para o despertar da educação como ato de produção e reprodução do saber, e base fundamental do produto técnico educacional que é fruto desta dissertação.

4. PRODUTO TÉCNICO EDUCACIONAL

O Produto Técnico Educacional resultante deste projeto de pesquisa é um podcast socioeducacional, nomeado IDEACAST. A origem etimológica do nome IDEACAST remete, por um lado, ao grego *eidos*, sinônimo de imagem e *cast*, que é uma abreviação da palavra *broadcast*, cujo significado é transmissão. Neste sentido, o produto educacional que foi desenvolvido tem por finalidade realizar uma propagação de ideias com o propósito de transformar pelo diálogo e pela troca de experiências a perspectiva sobre o mundo do trabalho.

Os podcasts são recursos de transmissão de arquivos geralmente utilizados para a propagação de informações em diversos gêneros e formatos. O nome remete à aglutinação de dois conceitos de língua inglesa, *Pod (Personal on Demand)* e *Broadcast*. Em linhas gerais, podcast significa a disseminação de conteúdo específico de áudio e vídeo para um público mais amplo, por meio de novas tecnologias digitais. Na figura 1, a seguir, é possível observar a identidade visual do Produto Técnico Tecnológico.

Figura 1 – Identidade visual do IDEACAST



O ícone criado para representar o produto simboliza uma ideia nascendo ao ouvir os episódios do IDEACAST, por isso uma lâmpada iluminada com fone de ouvido. O elemento que dá cor à marca é, também, um balão de conversa, que reforça a estratégia metodológica utilizada na realização das atividades, dentre as quais destacam-se a troca de experiências e o debate acerca do conceito de educação empreendedora.

Figura 2 – Logotipo monocromático



O produto consiste na gravação e edição de uma reunião de educandos previamente selecionados que, dispostos em forma de círculo, interagem por intermédio de um professor educador. Este produto define-se, portanto, como uma pesquisa aplicada que visa à criação de rodadas estruturadas de conversa baseadas nos círculos de cultura freirianos. Ele foi aplicado com alunos do Ensino Médio em uma escola privada da cidade de Três Corações, no sul de Minas Gerais.

Arelado ao conceito de educação empreendedora, à busca por novos espaços e estratégias educacionais e às novas exigências em relação ao currículo do novo ensino médio, o podcast possibilita, aos alunos, uma maior conexão com o mundo do trabalho por meio de associações que desenvolvam a autonomia, a libertação, o potencial criativo e a cultura empreendedora, contribuindo para torná-los sujeitos reflexivos, éticos e atuantes no contexto estudantil.

Entende-se, como público-alvo deste Produto Técnico Tecnológico, os estudantes do Ensino Médio da educação básica, educandos em formação, pessoas em busca do aprimoramento de suas habilidades e, sobretudo, sujeitos destinados a desenvolverem ações propositivas frente ao mundo do trabalho por meio de um projeto de vida sustentado nas reflexões, participações efetivas e atitudes colaborativas.

4.1. Desenvolvimento do produto e local de aplicação

O estudo foi realizado no Colégio de Aplicação, uma escola da rede privada de Três Corações, município do sul de Minas Gerais. A população contou com o quantitativo de sessenta (60) alunos da 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, regularmente matriculados na instituição. Os encontros foram realizados às sextas feiras, no período vespertino, após os horários da grade curricular, por meio de reunião virtual na ferramenta *Google Meet*. Uma vez definidos os locais e os alunos participantes das rodadas de conversa, eles se reuniam preparados com os temas para o debate. Para que o objetivo fosse alcançado, o ambiente das reuniões e a rodada de conversas foram preparados com muita descontração e espontaneidade.

Etapas da elaboração do produto:

- ✓ Apresentação do projeto educacional na comunidade escolar;
- ✓ Estímulo ao debate e à livre associação de ideias com base nos temas previamente estruturados;
- ✓ Seleção dos alunos do Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª séries) para participarem de três (03) rodadas estruturadas de conversa;
- ✓ Gravação do áudio das reuniões em ambiente virtual para posterior edição do conteúdo na forma de episódios;
- ✓ Organização e edição dos conteúdos;
- ✓ Disponibilização dos episódios produzidos em plataformas digitais a serem definidas; e
- ✓ Coleta dos relatos dos alunos após as reuniões estruturadas.

A figura 3, a seguir, apresenta a programação e planejamentos do Produto Técnico Tecnológico conforme ordem de execução dos episódios e eixos estruturantes.

Figura 3 - Programação das rodadas de conversa e produção dos podcasts.

Apresentação do projeto	Encontro com a direção escolar
Apresentação do projeto	Encontro com os alunos
Estruturação dos episódios	Autor
Episódio 1	Vocações e oportunidades
Episódio 2	Recursos e tecnologias
Episódio 3	Formação, Trabalho e emprego
Edição dos episódios	Autor
Disponibilização do conteúdo nas plataformas	Autor

Fonte: do autor (2021).

Os encontros foram realizados em cinco (05) reuniões virtuais na plataforma *Google Meet*, sendo as duas primeiras para apresentação da proposta educacional aos dirigentes educacionais e, posteriormente, aos estudantes, por intermédio de um professor mediador, um professor convidado e os alunos selecionados. A pesquisa aconteceu por meio da apresentação do tema relevante e em conformidade com os itinerários formativos e o eixo estruturante empreendedorismo. Foi realizada uma abordagem inicial pelo professor mediador, simultaneamente às intervenções e participações dos alunos. Os educandos, por sua vez, foram inclinados a compartilharem suas contribuições, experiências e conhecimentos prévios sobre os temas abordados. A função de mediação foi conduzir os alunos à reflexão sobre os respectivos temas e o animador do debate provocou, nos educandos, suas contribuições, o senso crítico e o conhecimento intrapessoal do tema fazendo-os exercitar por meio de trocas de experiências e relatos espontâneos em cada episódio. Dessa forma, os estudantes relataram a experiência e participação nas rodadas estruturadas de conversa com respostas e percepções.

A duração média dos debates foi de 60 minutos e toda a reunião foi gravada por sistemas de videoconferência e, posteriormente, editada com auxílio de programas de gravação e edição de áudios profissionais. Os conteúdos editados e revisados passaram por um processo de autenticação e revisão para, na sequência, serem hospedados em um site específico e disponibilizados nas plataformas digitais de aprendizagem e mídia social em podcasts de até 15 minutos com as informações mais relevantes dos temas programados. Na figura 4, segue a gravação das rodadas estruturadas de conversas.

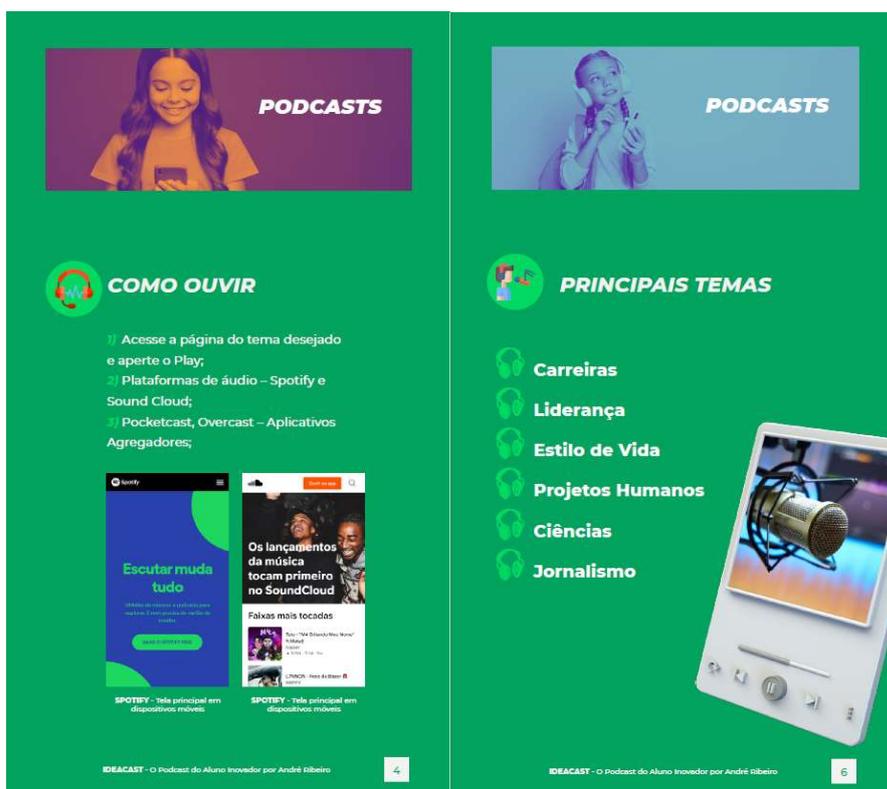
Figura 4 – Gravação das rodadas estruturadas de conversa



Fonte: Do autor (2021).

Dentro do universo da tecnologia e das inovações, os podcasts podem ser uma excelente alternativa para o consumo de conteúdos de forma prática e interativa. A proposta deste produto é disponibilizar informações e conteúdos programáticos que auxiliem os estudantes a buscar projeções em suas carreiras, no melhor entendimento de suas realidades e perspectivas empreendedoras. Como ferramenta de mídia abrangente, os conteúdos podem ser criados de forma simples e com muita qualidade, além de possibilitar a replicação não apenas dos episódios, por meio das mais variadas plataformas digitais, como, também, a própria metodologia, para que seja adequada às mais diversas realidades sociais.

Figura 5 – Telas de navegação do IDEACAST



Fonte: Do autor (2021).

A coleta de evidências ocorreu por meio de relatos de alunos que tiveram acesso aos podcasts fazendo uso da entrevista como método de coleta de dados, dessa forma representando uma pesquisa qualitativa.

Após as reuniões os materiais foram estruturados para a separação e divulgação dos conteúdos via podcast. O material está disponibilizado na plataforma digital de áudio *Spotify* como ferramenta socioeducativa e pode ser acessado por meio do link <https://open.spotify.com/ideacast>.

Figura 6 – O podcast do aluno inovador

**QUEBRANDO AS BARREIRAS
DE COMUNICAÇÃO –
EMPREENDENDO COM
INTERAÇÃO E CRIATIVIDADE**



- Utilize suas redes sociais para surpreender seus ouvintes e multiplicar informações;
- Realize enquetes nos temas abordados;
- Dê um feedback em relação aos episódios;
- Obtenha as experiências nos episódios anteriores.

IDEACAST - O Podcast do Aluno Inovador por André Ribeiro

7

Fonte: do autor (2021).

Figura 7 – Tela contendo a coletânea de episódios

CONFIRA O QUE JÁ ROLOU!
Clique nos ícones para ouvir!

EPISÓDIO 01
Vocações e oportunidades

Em vocações e oportunidades, temos uma discussão sobre o que são vocações e quais são os fatores que influenciam na formação e preparação para o mundo do trabalho nos dias atuais...

EPISÓDIO 02
Recursos e tecnologias

No episódio Recursos e tecnologias vamos debater a situação da pandemia frente aos recursos tecnológicos e o poder de criatividade e inovação dos empreendedores neste "Novo Normal".

EPISÓDIO 03
Formação, trabalho e emprego

No episódio Formação, trabalho e emprego debatemos a atual situação do país e as possibilidades de nos reinventarmos para o mundo do trabalho.

SUGESTÃO DE NOVOS EPISÓDIOS

- ▶ Modelos de negócio inovador
- ▶ Gestão orientada a resultados
- ▶ Formação do time
- ▶ O normal frente à pandemia
- ▶ Intolerância
- ▶ Crise política e econômica

Spotify

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta pesquisa teve como objetivo descrever estratégias socioeducacionais por meio dos círculos de cultura e a produção de podcasts com a finalidade de aproximar a realidade da escola com o mundo do trabalho, estrutura baseada nos conceitos da educação empreendedora. Assim, foi possível destacar que as interfaces do empreendedorismo atreladas aos recursos tecnológicos podem ser um grande estímulo de novas oportunidades e construções de conhecimento.

A pesquisa, que contou com a participação de alunos do Ensino Médio com idades entre 14 e 17 anos de ambos os sexos, evidenciou que as atividades desenvolvidas por meio das reuniões em que a estratégia dos círculos de cultura foi aplicada e a produção dos podcasts provocaram parcialmente a melhoria da autoestima e do senso crítico, fatores observados por meio dos relatos obtidos após as reuniões estruturadas.

De maneira especial, sobre as atividades desenvolvidas, percebeu-se compromisso e engajamento dos alunos em referência aos temas abordados, visto que os comportamentos apresentados no decurso das atividades e sobretudo após as publicações dos conteúdos causou motivação e participação efetiva.

Acrescenta-se, ainda, que as atividades realizadas por meio das rodadas estruturadas de conversa, e fundamentalmente a produção de conteúdo via podcast em práticas inovadoras, possibilitou percepções criativas, variadas e fundamentadas. Na visão de Sela e Franzini (2006), a introdução da cultura empreendedora quebra paradigmas tradicionais pois favorece o desenvolvimento de habilidades específicas dos estudantes, visto que a educação básica ainda apresenta um modelo educacional voltado exclusivamente para a aquisição de conhecimentos em detrimento as habilidades práticas.

5.1 Relatos dos alunos: a experiência nos círculos de cultura e na produção dos conteúdos/podcasts

As atividades desenvolvidas e os relatos das experiências nas rodadas de conversa, foram argumentados em relação aos seguintes aspectos:

- 1 - Como analisaram as rodadas de conversa e o trabalho em equipe;
- 2 - Qual foi a importância dos mediadores; e
- 3 - Quais as expectativas e anseios futuros.

As respostas estão disponibilizadas na figura 8, conforme o descritivo abaixo:

Figura 8 – Avaliação da experiência pelos alunos



AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA PELOS ALUNOS

1) Como analisaram as reuniões?

Foram muito proveitosas e diferentes, gostamos dos temas, que por sinal nos abriram novas possibilidades e percepções para o mercado de trabalho. Essas atividades e projetos são muito importantes para nossas carreiras e mercado de trabalho.

2) Como descrever o trabalho em equipe?

É sempre difícil lidar com opiniões dos outros e aceitar pontos de vista! Mas aceitar opiniões também nos gera crescimento e desenvolvimento. Estou evoluindo e aprendendo sempre com os colegas de sala.

3) Qual a influência dos mediadores?

Nossos professores possuem muita experiência de vida, isso é fundamental! Além disso, foi importante discutir esses temas principalmente nessa fase em que estamos vivendo, de muitas incertezas! Foi muito legal expor nossas opiniões.

4) Utilização dos podcasts para o público?

Como é legal produzirmos algo, e ainda mais divulgar para mais pessoas no Spotify. Fiquei feliz com o resultado e com a experiência nova, me senti importante!

5) Sonhos e perspectivas futuras após essa experiência?

Nosso momento de correr atrás e ter esperança. Com pé no chão e muita dedicação vamos chegar fortes e competitivos no mercado de trabalho.

Figura 9 – Público-alvo e replicabilidade

PÚBLICO-ALVO





Entende-se como público-alvo deste produto técnico tecnológico, os **estudantes do ensino médio da educação básica**, educandos em formação e no aprimoramento de suas habilidades, mas sobretudo sujeitos destinados a desenvolverem ações propositivas frente ao mundo do trabalho, ou seja, aproximar a realidade escolar com o mundo do trabalho. **Para qual futuro estamos formando nossos alunos?**

REPLICABILIDADE

Os eixos estruturantes são a parte variável do produto educacional. A essência metodológica e a dinâmica das ações são constantes. Mudam-se os eixos, mas permanece o método de abordagem. A estratégia dos **círculos de cultura** poderá ser aplicada por exemplo na formação em docência e para docência de professores, ou na gestão educacional em geral.












IDEACAST - O Podcast do Aluno inovador por André Ribeiro

13

Fonte: do autor (2021).

Nas atividades propostas por meio do IDEACAST, percebe-se que a estratégia dos círculos de cultura pode ser aplicada. Por exemplo, por meio da formação com professores da educação básica, ou na comunidade educacional em geral, como os supervisores, agentes de saúde, psicólogos, psicopedagogos, neuro psicopedagogos etc. Os eixos estruturantes são a parte variável do produto educacional, mas a essência metodológica e a dinâmica das ações são

constantes. Mudam-se os eixos, mas permanece o método de abordagem por meio da dinâmica evidenciada.

Dessa forma, será possível uma contribuição na formação e especialização dos gestores educacionais por meio da estratégia dos círculos de cultura e produção dos podcasts socioeducacionais com as variantes dos eixos estruturantes, tendo em vista diversas perspectivas nos novos modelos e relações educacionais, comunidade escolar e agentes locais. Essas propostas têm foco na melhoria, minimização e resolução dos problemas complexos do mundo do trabalho, da comunidade escolar e sociedade em geral.

Como ferramenta dinâmica, prática e acessível, os conteúdos podem implicar transformações relevantes nas relações educacionais além de favorecer a propagação da cultura empreendedora nos mais variados contextos educacionais, quebrando esse modelo tradicional e estanque, permitindo a potencialização e exploração das habilidades dos estudantes.

Com o auxílio e dinâmica dos círculos de cultura e a alternância dos temas em gestão educacional, o produto poderá influenciar as estruturas acadêmico-pedagógicas e permitir a troca de experiências institucionais melhorando os resultados operacionais e técnicos no contexto aplicado.

5.2 Análise pós aplicação e relatos

Considerando algumas limitações do estudo e os referidos relatos de evidências, e tendo em vista a situação pandêmica e o *locus* da pesquisa, os resultados podem apresentar algumas peculiaridades nas respostas e comportamentos dos participantes.

Por conseguinte, sugere-se a realização de estudos que considerem o aprofundamento e a aplicação da mesma temática sobre o viés empreendedor dentre as mais variadas facetas e contextos educacionais, para novas estimulações da comunidade escolar. Considerando uma formação de profissionais mais atuantes, com maior autonomia e habilidades empreendedoras, será possível avançar no sentido de superar algumas confusões conceituais que ainda existem nessa temática entre o sujeito empresário e empreendedor.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inovação é um dos mais importantes aspectos para melhoria e desempenho das instituições educacionais no atual mercado de trabalho. Neste sentido, os modelos tradicionais de ensino e aprendizagem tornam-se, cada vez mais, defasados neste novo cenário de transformações aceleradas. Por isso, o conceito de educação empreendedora deve revelar as diferentes facetas do sujeito contemporâneo, de modo que a libertação e a dialogicidade sejam importantes componentes para a formação de um perfil que se conecte ao mundo do trabalho.

Seguindo uma perspectiva ampla de empreendedorismo, considera-se que novas práticas e interfaces podem romper com o modelo padronizado e estanque de ensino ao possibilitar o surgimento de novas associações em busca de atitudes empreendedoras. Vale destacar que o conceito de empreendedorismo só fará sentido no âmbito educacional se houver, de fato, relações multidimensionais em uma cadeia de eventos segundo a qual haja movimento e transformações integrais.

Esse é o papel da nova BNCC e dos itinerários formativos do novo Ensino Médio, que compõem arranjos curriculares de maior flexibilização e colocam o estudante como agente do seu próprio progresso. Assim, ela promove a cultura colaborativa para a resolução dos problemas complexos e, sobretudo, estimula ações em equipe, para que, juntos, os alunos descubram os melhores trajetos do mundo do trabalho.

Com o desenvolvimento da pesquisa, foi possível perceber que as práticas educativas ainda permanecem sobre um eixo central estanque e conteudista, mas, ao mesmo tempo, é perceptível a mobilização e inclinação de algumas instituições a processos inovadores e criativos. Em face às novas exigências e articulações dessa nova década, há um grande otimismo quanto a esses novos arranjos curriculares, no objetivo de promover uma educação integral, cidadã e participativa.

Uma escola integral e colaborativa será o grande desafio das instituições educacionais por intermédio das competências e habilidades. O aprofundamento, com base nos itinerários formativos, pode representar um caminho frutífero para a melhoria da articulação e associação das características e perfis dos estudantes. A implementação dessa política educacional diante do cenário de pandemia nos traz a perspectiva de mudança e equalização das desigualdades, inclusive nos resultados avaliativos dos alunos para os próximos anos.

A propagação da cultura educacional empreendedora, a aprendizagem colaborativa e a livre associação de ideias para a resolução de problemas complexos implicam o grande viés para a transformação e formação técnico-profissional contemporânea. Práticas educacionais

que corroboram com as reflexões interpessoais e formação de novas estratégias devem permitir aos educandos uma maior qualificação para o mundo do trabalho, buscando a melhor trajetória e composição do seu projeto de vida.

Desta forma, os podcasts socioeducacionais e as rodadas estruturadas de conversa se revelam como uma excelente alternativa para o desenvolvimento da cultura empreendedora, pois permitem expressões e habilidades fundamentais para o exercício da cidadania, a livre associação de argumentos e a construção de melhores estratégias para a efetivação da aprendizagem. Por isso, esta pesquisa buscou tratar a confusão conceitual do empreendedorismo na educação, discorrendo sobre seus conceitos e bases em busca de dinâmicas e práticas pedagógicas que pudessem dialogar com as perspectivas dos estudantes.

Como forma de estimular os educandos na melhor percepção, preparação e planejamento do seu projeto de vida e observação do mundo do trabalho, foi possível inferir que práticas estruturadas de conversa e a produção dos conteúdos midiáticos digitais permitem melhores perspectivas e sensações. Assim, ações mais determinantes e fundamentadas na busca da aprendizagem significativa se mostram um fator relevante frente ao enorme desafio do mundo do trabalho.

Para novas pesquisas, sugere-se a alternância dos temas e eixos estruturantes das rodadas de conversa, em um cenário que possa permitir a participação efetiva dos estudantes, revelando, criteriosamente, todos os componentes de *locus*, dinâmicas e características abordadas nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, L. C. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Know How, 2011.
- BECKER, F. **Educação e construção do conhecimento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- BOAVA, Diego Luiz Teixeira; MACEDO, Fernanda Maria Felício. Sentido axiológico do empreendedorismo. **Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, São Paulo, SP, Brasil, v. 33, 2009.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 de maio de 2020.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação**, Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014.
- BRAUDEL, F. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CANTILLON, R. **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral**. Curitiba: Segesta Editora, 2002.
- COLBARI, A. L. A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira. **Sinais** [Revista Eletrônica]; Ciências Sociais, Vitória: CCHN, Ufes, Edição Especial de Lançamento, n. 1, v. 1, p. 75-111, abr. 2007.
- COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- DOLABELA, Fernando. **Pedagogia Empreendedora**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.
- DORNELAS, J. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 6. ed. São Paulo: Empreende/Atlas, 2017.
- EHRlich, E. **America Expects too Much from Its Entrepreneurial Heroes**. Business Week, v. 31, 28 jul. 1986.
- ESTADOS UNIDOS. **Presidente (1981-1989: Ronald Reagan)**. Address to the Nation on Tax Reform. Washington D. C., 28 may 1985. Disponível em: <https://www.reaganlibrary.gov/research/speeches/52885c>. Acesso em: 23 out. 2019.
- FERREIRA, José Amaury. **Formação de empreendedores: proposta de abordagem metodológica tridimensional para a identificação do perfil do empreendedor**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86492/192754.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 set. 2020.

FIORIN, Márcia Meira Berti; MELLO, Cristiane Marques de; MACHADO, Hilka Vier, Empreendedorismo e inovação: análise dos índices de inovação dos empreendimentos brasileiros com base nos relatórios do GEM de 2006, 2007 e 2008. **Revista de Administração** da Universidade Federal de Santa Maria [online] 2010, 3 (Setembro - Dezembro). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273419412008>> . Acesso em: 26 jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, Moacir. **Um Olhar sobre Paulo Freire**: Congresso Internacional. Portugal, 2000. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/2999/1/FPF_PTPF_01_0366.pdf f. acesso em Set 25, 2020.

GEMIGNANI, E.Y.M.Y. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Ensinar Para a Compreensão. **Revista Fronteira das Educação** [online]. Recife, v. 1, n. 2, 2012.

GOLDBERGER, Michael; ASHWORTH, Sara; BYRA, Mark. Spectrum of teaching styles retrospective 2012. **Quest**, v. 64, n. 4, p. 268-282, 2012.

GUERRA, M. J.; GRAZZIOTIN, Z. J. **Educação empreendedora nas universidades brasileiras**. In: LOPES, R. M. A. (Org.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e - práticas. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

HÉBERT, R. F. *et al.* **A history of entrepreneurship**. Routledge: 2009.

HÉBERT, R. F. *et al.* **Search of the meaning of entrepreneurship**. Small business economics, v. 1, n. 1, p. 39-49, 1989.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LOPES, Rose Mary A. **Educação Empreendedora**: Conceitos, modelos e práticas. São Paulo: Elsevier, 2010.

LOPES, R. M. A.; TEIXEIRA, M. A. A. **Educação empreendedora no ensino fundamental**. In: LOPES, R. M. A. (Org.). Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

MARCOVITCH, Jacques; SAES; Alexandre Macchione (Orgs.). **Pioneirismo e educação empreendedora**: projetos e iniciativas. São Paulo: Com Arte, 2018. [e-book]. Disponível em: <<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/192>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

MARX, K. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais**. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais -SEE/MG, 2018.

MORAN, J.M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

PRETTO, N. de L. **Tecnologia e novas educações**. Salvador, BA: Edufba, 2005.

SCHAEFER, Ricardo, MINELLO, Italo Fernando. Educação Empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 3, 2016.

SCHUMPETER, J. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia tecnicista, concepção analítica e visão crítico-reprodutivista (1969-1980)**. In: SAVIANI, Demerval. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas SP: Autores Associados. 2007 (Coleção Memória da Educação). p. 367-392.

VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. Rio de Janeiro: campus, 1997, p.127-162.

TSCHÁ, E. R.; CRUZ NETO, G.G. Empreendendo colaborativamente ideias, sonhos, vidas e carreiras: o caso das células empreendedoras. In: BECKER, A. R. Educação Empreendedora: a formação de futuros líderes. In: GIMENEZ, F. A. P. *et al.* (Org.) **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

UNCTAD Secretariat. **Entrepreneurship Education, Innovation and Capacity-Building in Developing Countries**. United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), Geneva, 2011. http://unctad.org/en/docs/ciimem1d9_en.pdf. Acesso em: 19 set. 2020.

WALLERSTEIN, I. O homem da conjuntura. In: LACOSTE, Y. (ed.). **Ler Braudel**. Campinas: Papirus, 1989. p. 13-29.

WERNECK, Hamilton. **O que é a escola empreendedora**. Petrópolis: DP Editora, 2007.

ANEXOS





Novos Espaços e Estratégias para a
Educação Empreendedora:
**Podcasts Socioeducacionais Como
Ferramentas de Ensino Voltadas aos
Alunos do Ensino Médio**

Orientador: Prof. Dr. Túlio Silva Sene
Aluno: André Luís Souza Ribeiro



COMO OUVIR

- 1) Acesse a página do tema desejado e aperte o Play;
- 2) Plataformas de áudio – Spotify e Sound Cloud;
- 3) Pocketcast, Overcast – Aplicativos Agregadores;



SPOTIFY - Tela principal em dispositivos móveis



SPOTIFY - Tela principal em dispositivos móveis



AS VANTAGENS

- Você pode apreciar o seu podcast no trânsito, realizando atividade física, arrumando a sua casa, e em qualquer horário que desejar;
- Basta apertar o Play, eles são gratuitos;
- Ajudam a otimizar o seu tempo;
- São práticos e divertidos.

Para criar um podcast são necessárias algumas atribuições

- Planejamento (Público, interesses, identidade visual, roteiro, etc)
- Gravação (qualidade de áudio, acústica, participações, intervenções e mediação)
- Edição (Equalizações, ruídos, vinhetas, controle do tempo)
- Publicação (Plataformas, regras e conteúdo)



PRINCIPAIS TEMAS



Carreiras



Liderança



Estilo de Vida



Projetos Humanos



Ciências



Jornalismo



QUEBRANDO AS BARREIRAS DE COMUNICAÇÃO – EMPREENDENDO COM INTERAÇÃO E CRIATIVIDADE



- Utilize suas redes sociais para surpreender seus ouvintes e multiplicar informações;
- Realize enquetes nos temas abordados;
- Dê um feedback em relação aos episódios;
- Obtenha as experiências nos episódios anteriores.



5 VANTAGENS DO PODCAST

- 1 Informação mais pessoal, excelente capacidade de humanização;
- 2 Acessibilidade em qualquer hora e local;
- 3 Qualidade do conteúdo e direcionamento aos mais variados públicos;
- 4 Preço, agrega valor sem custo aos usuários;
- 5 Frequência, mídia fácil de ser produzida, consumida e distribuída, com isso traz alto nível de flexibilidade.





IDEACAST - O PODCAST DO ALUNO INOVADOR

Objetivo: aproximar o aluno do mundo do trabalho.

A proposta deste projeto é disponibilizar informações e conteúdo que auxiliem os estudantes a buscarem projeções em suas carreiras, no melhor entendimento de suas realidades e perspectivas empreendedoras.

Além de vocacionar os estudantes para se tornarem sujeitos atuantes, questionadores e propositivos.

Apresentar as principais temáticas acerca do empreendedorismo que necessitam ser abordados para aproximar alunos do ensino básico com o mundo do trabalho.

NASCE UMA IDEA!

IdeaCast, vem etimologicamente do grego eidos, sinônimo de imagem e tem raízes inglesas ligadas a inovação, versão quem vem de encontro com a perspectiva empreendedora.

Dessa forma, a ideia do ícone representativo da marca é: ideia nascendo ao ouvir os episódios do **IdeaCast**, por isso uma lâmpada iluminada com headset.

O elemento que dá cor a marca é também um balão de conversa, que reforça a metodologia dos círculos de cultura, troca de experiências e o conceito de educação empreendedora.

Logotipo principal



Logotipo monocromático





AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA PELOS ALUNOS

1) Como analisaram as reuniões?

Foram muito proveitosas e diferentes, gostamos dos temas, que por sinal nos abriram novas possibilidades e percepções para o mercado de trabalho. Essas atividades e projetos são muito importantes para nossas carreiras e mercado de trabalho.

2) Como descrever o trabalho em equipe?

É sempre difícil lidar com opiniões dos outros e aceitar pontos de vista! Mas aceitar opiniões também nos gera crescimento e desenvolvimento. Estou evoluindo e aprendendo sempre com os colegas de sala.

3) Qual a influência dos mediadores?

Nossos professores possuem muita experiência de vida, isso é fundamental! Além disso, foi importante discutir esses temas principalmente nessa fase em que estamos vivendo, de muitas incertezas! Foi muito legal expor nossas opiniões.

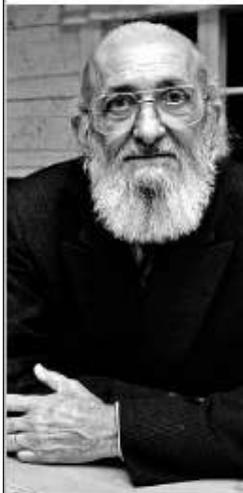
4) Utilização dos podcasts para o público?

Como é legal produzirmos algo, e ainda mais divulgar para mais pessoas no Spotify. Fiquei feliz com o resultado e com a experiência nova, me senti importante!

5) Sonhos e perspectivas futuras após essa experiência?

Nosso momento de correr atrás e ter esperança. Com pé no chão e muita dedicação vamos chegar fortes e competitivos no mercado de trabalho.

CÍRCULOS DE CULTURA



Os círculos de cultura eram espaços de liberdade e produção de conhecimento coletivo, centrado nas relações dialéticas. A estrutura metodológica criada por **Paulo Freire** e muito praticada na década de 60 para alfabetizar jovens e adultos. Tal prática realizava-se com os estudantes posicionados em forma de círculos, em uma estrutura horizontal, que permitia que todos ficassem na mesma posição para discutirem sobre os mais variados temas do cotidiano, **direitos humanos**, **ética** e **direitos sociais**.



EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA



Uma educação empreendedora é aquela que se baseia sobre o princípio dialético da transformação social alimentada pela permanente reciprocidade do movimento de **ensinar e aprender**. A prática pedagógica não se resume, portanto, ao treinamento de habilidades técnicas específicas. Ela deve fomentar a curiosidade e a capacidade de elaboração de questões cada vez mais complexas com o objetivo de preparar os indivíduos não apenas para a compreensão dos problemas, mas também para a ação propositiva + direcionada para a sua minimização.



PÚBLICO-ALVO



Entende-se como público-alvo deste produto técnico tecnológico, os **estudantes do ensino médio da educação básica**, educandos em formação e no aprimoramento de suas habilidades, mas sobretudo sujeitos destinados a desenvolverem ações propositivas frente ao mundo do trabalho, ou seja, aproximar a realidade escolar com o mundo do trabalho. **Para qual futuro estamos formando nossos alunos?**



REPLICABILIDADE

Os eixos estruturantes são a parte variável do produto educacional. A essência metodológica e a dinâmica das ações são constantes. Mudam-se os eixos, mas permanece o método de abordagem. A estratégia dos **círculos de cultura** poderá ser aplicada por exemplo na formação em docência e para docência de professores, ou na gestão educacional em geral.



REUNIÕES



RODADAS ESTRUTURADAS DE CONVERSA

PROGRAMAÇÃO DAS RODADAS DE CONVERSA E PRODUÇÃO DOS PODCASTS

Apresentação do projeto	Encontro com a direção escolar
Apresentação do projeto	Encontro com os alunos
Estruturação dos episódios	Autor
Episódio 1	Vocações e oportunidades
Episódio 2	Recursos e tecnologias
Episódio 3	Formação, Trabalho e emprego
Edição dos episódios	Autor
Disponibilização do conteúdo nas plataformas	Autor



CONFIRA O QUE JÁ ROLOU!

Clique nos ícones para ouvir!



Em vocações e oportunidades, temos uma discussão sobre o que são vocações e quais são os fatores que influenciam na formação e preparação para o mundo do trabalho nos dias atuais...



No episódio Recursos e tecnologias vamos debater a situação da pandemia frente aos recursos tecnológicos e o poder de criatividade e inovação dos empreendedores neste "Novo Normal".



No episódio Formação, trabalho e emprego debatemos a atual situação do país e as possibilidades de nos reinventarmos para o mundo do trabalho.



SUGESTÃO DE NOVOS EPISÓDIOS

- ▶ Modelos de negócio inovador
- ▶ Gestão orientada a resultados
- ▶ Formação do time
- ▶ O normal frente a pandemia
- ▶ Intolerância
- ▶ Crise política e econômica





IDEACAST
O Podcast do Aluno Inovador
por André Ribeiro

MARÇO DE 2021